

EPICURO E HEGEL COMO FUNDAMENTOS DA TESE DE DOUTORADO DE MARX

EPICURUS AND HEGEL AS FOUNDATIONS OF MARX'S DOCTORAL THESIS

Antônio Beethoven Carneiro Gondim¹

Antonia Cláudia Prado Pinto²

RESUMO:

Este ensaio visa a compreender, mediante pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, aspectos gerais da presença de Epicuro e Hegel na Tese de Doutorado de Marx, demonstrando a terminante influência que esses pensadores tiveram sobre a formação filosófica marxiana, seja pela aquisição de um arcabouço teórico materialista da Grécia Antiga, mas sob o viés dos ecletistas romanos, seja pelo fato de a Tese de Doutorado de Marx ser um anexo complementar à *Fenomenologia do Espírito* de Hegel.

PALAVRAS-CHAVE: Dialética; Epicuro; Hegel; Marx.

ABSTRACT:

This essay aims to understand, through exploratory bibliographical research, general aspects of the presence of Epicurus and Hegel in Marx's Doctoral Thesis, demonstrating the determinant influence that these thinkers have had on marxian philosophical training, or through the acquisition of a materialist theoretical framework of Ancient Greece, but under the bias of roman eclectic scholars, or by the fact that the PhD thesis of Marx is an annex supplement to Hegel's *Phenomenology of Spirit*.

KEYWORDS: Dialectics; Epicurus; Hegel; Marx.

01 – INTRODUÇÃO

Este ensaio trata do arcabouço teórico da primeira obra-prima do jovem Marx. Mas o que fazer com as obras da juventude dum autor: relevá-las ou revelá-las? Há os que preferem simplesmente ignorá-las... Tal não é o caso, porém, dum pesquisador consciencioso.

Primeiro, o que se deve entender por 'jovem Marx'? Para responder a essa indagação, não se pode esquecer de que

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, licenciado em História pela Universidade Estadual do Ceará e bacharel em Direito pela Universidade de Fortaleza. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7527865048976097>.

² Especialista em Metodologia do Ensino de História e licenciada em História pela Universidade Estadual do Ceará. Professora da rede pública estadual do Ceará. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6488490083201337>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

se proclamando já adversário da propriedade privada – que qualificou na crítica da teoria e da prática do Direito, como fonte de toda injustiça – ele [Marx] recusa ainda se afirmar comunista [...] Sua última recusa do comunismo data da carta citada a Ruge, isto é de setembro de 1843; sua primeira profissão de fé comunista data de março de 1844. Foi entre essas duas datas que se completou uma evolução política que será determinante para o resto de sua vida [...] *A Ideologia Alemã*, a obra filosófica principal que Marx e Engels terminam em Bruxelas, em 1846, funda a teoria do materialismo histórico sobre uma superação sistemática da Filosofia pós-hegeliana alemã. Pela primeira vez, ‘Marx e Engels passam de uma análise que se poderia chamar de *fenomenológica* do desenvolvimento histórico-social para uma análise *genética*’ [...] A universalidade das necessidades concedida como parte integrante da universalidade do desenvolvimento humano é criada pelo comércio mundial e a grande indústria. E a rejeição de toda ‘distribuição segundo o trabalho’ ou ‘segundo as capacidades’ na sociedade comunista se funda precisamente sobre a necessidade de assegurar esse desenvolvimento universal para *todos* os homens. A partir da *Ideologia Alemã*, Marx e Engels estabelecem claramente os laços que unem a abolição da produção mercantil e o advento de uma sociedade comunista. Eles não modificarão mais essa opinião até o fim da vida deles (MANDEL, 1968, p. 16-17, 38-39 e 40-41, grifo original).

Por isso, em que pesem em contrário opiniões divergentes acerca do início da maturidade de Marx, *A Ideologia Alemã* é a obra que serve de marco divisor no conjunto de escritos marxianos, constituindo mesmo ela, de fato, o primeiro livro de sua maturidade.

Isso importa destacar, uma vez que, tratando-se acerca da Tese de Doutorado de Marx e de seu lugar no âmbito do pensamento marxiano, inexistente, como se poderia supor, “uma indevida justaposição de momentos distintos da produção de Marx e um embaralhamento de questões trabalhadas pelo autor em contextos distintos e sob perspectivas teóricas distintas”, visto que todas as citações marxianas que constam na seção de desenvolvimento deste ensaio são pertencentes às obras da juventude de Marx: *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro* (Tese de Doutorado – 1841), *Debates sobre a Liberdade de Imprensa e Comunicação* (série de artigos publicada na *Gazeta Renana*, em 5, 8, 10, 12, 15 e 19 de maio de 1842), *A Questão Judaica* e *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (Manuscritos de 1843) e os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (Manuscritos de 1844).

Poder-se-ia objetar o seguinte argumento: “existe, sim, embaralhamento de questões em contextos distintos de Marx, pois os Manuscritos de 1844 são de um jovem Marx comunista, ao passo que os primeiros, não!”. Isso poderia até pesar, não

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

fora o fato de, nos Manuscritos de 1844, a análise do Marx comunista ainda ser de cunho fenomenológico, destacando-se ainda o fato de que

Nas notas críticas que acompanham seu primeiro estudo sistemático da Economia Política, Marx rejeita explicitamente o valor-trabalho. Na *Miséria da Filosofia*, Marx o aceita não menos explicitamente. Entre esses dois escritos se passam três anos: do começo de 1844 ao começo de 1847 (MANDEL, 1968, p. 42, grifo original).

Tudo isso só corrobora nossa afirmação de que, ao escrever sua Tese de Doutorado, Marx tinha em mente a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel (1770-1831), pois, mesmo após se tornar comunista, ele faz largo uso da terminologia hegeliana, salientando a suma importância da supracitada obra de Hegel para a compreensão do sistema filosófico deste último, bem como para o entendimento da Lógica Especulativa (Dialética). Caso contrário, como explicar que Marx tenha se ocupado, em sua Tese de Doutorado, justamente do único pensador helenístico que Hegel não cita na *Fenomenologia do Espírito*? E, nesse comenos, cumpre salientar que a Tese de Doutorado de Marx seria, portanto, um anexo (e não um apêndice!) à primeira obra-prima de Hegel, haja vista que um apêndice não apenas é um escrito posterior do próprio autor a uma obra, como, essencialmente, um escrito que possui concordância integral com a forma de pensamento do autor, ao passo que um anexo se trata dum texto de autoria diversa e, como tal, como maior liberdade de discordância ao texto do qual é, não obstante, complemento. Senão, vejamos:

La tesis doctoral es el primer trabajo a gran escala de Marx, y es también el único documento de su hegelianismo casi sin reservas. *Pero no es una repetición literal de las ideas hegelianas, pero en una aplicación única del Hegel histórico-especulativo de un tema del mismo Hegel en sus Lecciones sobre la Historia de la Filosofía, se trató completamente diferente* (ROSSI, 1971, v. 2, p. 29, grifo nosso).³

Ademais, conquanto se possa considerar que “a ideia de que a Tese de Doutorado de Marx seja um anexo é bastante discutível”, como não considerar o fato insofismável de que, entre o sexto e o sétimo cadernos preparatórios para sua Tese de Doutorado, consta a transcrição do ‘Esquema da Filosofia da Natureza de Hegel’

³ “A tese doutoral é o primeiro trabalho de envergadura de Marx, e é também o único documento de seu hegelianismo quase sem reservas. *Mas não se trata de uma repetição literal de ideias hegelianas, mas de uma original aplicação do método histórico-especulativo de Hegel a um tema que o mesmo Hegel, em suas Lições sobre a história da Filosofia, havia tratado de forma completamente diferente*” (tradução nossa).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

(MARX, 1972, p. 101-110), conforme a *Fenomenologia do Espírito*, estando, assim, os fundamentos do pensamento marxiano (a Dialética e o Materialismo) já presentes na referida obra de sua juventude? “Fundamentos em que sentido?”, poder-se-ia objetar. No sentido de que Hegel e Epicuro (341-270 a.C.) constituem os dous únicos pensadores que são, respeitosa e dignamente, citados por Marx em obras ulteriores à sua Tese de Doutorado. Exemplo disso são, *verbi gratia*, as passagens sobre Epicuro presentes n’*A Sagrada Família*,⁴ n’*A Ideologia Alemã*,⁵ nos *Grundrisse*⁶ e n’*O*

⁴ “A *metafísica* do século XVII, representada na França principalmente por *Descartes*, teve, desde a hora de seu nascimento, o *materialismo* como seu *antagonista*. Ele atravessou o caminho de *Descartes* pessoalmente na feição de *Gassendi*, o restaurador do materialismo *epicurista*. O materialismo francês e inglês se achou sempre unido por laços estreitos a *Demócrito* e *Epicuro*. Outra antítese à metafísica cartesiana encontrava no materialista inglês *Hobbes*. *Gassendi* e *Hobbes* triunfaram sobre seu adversário muito tempo depois de terem morrido, no momento mesmo em que este já imperava como uma potência oficial em todas as escolas da França” (MARX; ENGELS, 2003, p. 145, grifo original).

⁵ “Os estóicos não sabiam’, tampouco, ‘dizer Nada acerca do espírito’, tanto que é com eles, inclusive, que começa esse *ver alucinado de espíritos*, fato que faz Epicuro se opor a eles como iluminista e ridicularizá-los, chamando-os de ‘mulheres velhas’, enquanto justamente os neoplatônicos tomaram parte de sua história de espíritos aos estóicos. Esse *ver alucinado de espíritos* dos estóicos se origina, de um lado, da impossibilidade de encaminhar uma visão dinâmica da natureza sem o material fornecido por uma ciência natural empírica, e por outro lado de seu vício de interpretar especulativamente o velho mundo grego, e mesmo a religião, e torná-los análogos ao espírito pensante [...] Dos epicuristas o nosso amigo sabe quase tanto quanto os estóicos, ou seja, a inevitável quantia de ginásiano. Ele opõe a hedone epicurista à ataraxia estóica e cética e não sabe que essa ataraxia aparece da mesma forma em Epicuro, e isso na condição de entidade supraposta à hedone, com o que o antagonismo que ele estipula cai por terra. Ele nos conta que os epicuristas ‘ensinam apenas um comportamento diferente contra o mundo’ do que aquele que é ensinado pelos estóicos; que ele nos mostre o filósofo (não-estóico) da ‘antiga e da nova época’, que não faça ‘apenas’ o mesmo. Finalmente, São Max nos enriquece com um novo dito dos epicuristas: ‘O mundo tem de ser enganado, pois ele é meu inimigo’; até agora apenas era conhecido que os epicuristas falavam no seguinte sentido: o mundo tem de ser *desiludido*, e nomeadamante liberto do temor dos deuses, pois ele é meu *amigo*. A fim de dar a nosso santo um indício acerca da base real que fundamenta a filosofia de Epicuro, necessitamos apenas mencionar que é nele que se encontra pela primeira vez a noção de que o Estado repousa sobre um contrato mútuo entre os homens, sobre um *contrat social* (συνθήκη) [...] Epicuro, ao contrário, foi o verdadeiro iluminista radical da Antiguidade, que atacou abertamente a religião antiga e do qual partiu, também entre os romanos, o ateísmo, na medida em que existiu entre eles. Por isso mesmo *Lucrecio* o festejou como um herói, que primeiro derrubou os deuses e pisoteou a religião, por isso Epicuro manteve, entre todos os pais da Igreja, de *Plutarco* a *Lutero*, a fama do filósofo ímpio *par excellence*, de porco, porque também *Clemens Alexandrinus* diz, quando *Paulo* demonstra seu fervor contra a filosofia, que ele está se referindo apenas à epicurista [...] A partir disso podemos ver como esse ateu aberto se comporta de maneira ‘esperta, enganadora’ e ‘inteligente’ em relação ao mundo, ao atacar francamente a religião deste mundo, enquanto os estóicos arrumavam especulativamente a velha religião para si mesmos e os céticos tomavam sua ‘aparência’ como desculpa a fim de poder acompanhar por toda a parte seu veredicto com uma *reservatio mentalis* [reserva espiritual (secreta)]” (MARX; ENGELS, 2007, p. 160, 161-162 e 162-163, grifo original).

⁶ “Os povos mercantis da Antiguidade [são] como os deuses de Epicuro, nos intermúndios do Universo ou, melhor dizendo, como os judeus, nos poros da sociedade polonesa [...] Segundo a visão do filósofo grego Epicuro, os deuses existem nos intermúndios, nos interstícios dos mundos; eles não têm qualquer influência nem no desenvolvimento do universo nem na vida dos homens” (MARX, 2011, p. 733).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Capital,⁷ enquanto que não há qualquer menção a Feuerbach (1804-1872) nestes dous últimos. Então, é possível afirmar que “Marx não adquire um arcabouço teórico materialista a partir da Grécia Antiga”? É possível querer só enxergar que, na *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro*, “Marx faz uma leitura do Epicurismo marcada pelo Idealismo”? E por que não também o contrário, ou seja, o que dizer do fato de, sob o Idealismo hegeliano, ele haver buscado estudar, em sua Tese de Doutorado, justamente pensadores materialistas da Antiguidade? Não seria uma forma de já diminuir a influência do Idealismo, visando mesmo a uma reação a este último, dialeticamente utilizando a terminologia da *Fenomenologia do Espírito*? Senão, vejamos:

A contradição entre a existência e a essência, entre a matéria e a forma, que está contida no conceito de átomo é considerada como existindo no próprio átomo singular, pelo simples facto de lhe serem atribuídas qualidades. Através da qualidade, o átomo é alienado do seu conceito e simultaneamente é terminada a sua construção. O mundo sensível nascerá directamente da repulsão e dos conglomerados conexos de átomos qualificados. É com esta passagem do mundo da essência ao mundo do fenómeno que a contradição incluída no conceito de átomo atinge manifestamente a sua realização mais categórica. Pois o átomo é, de acordo com o seu conceito, a forma absoluta, essencial da natureza. *Esta forma absoluta é agora baixada ao nível da matéria absoluta, ao substrato informe do mundo fenoménico* (MARX, 1972, p. 194-195, grifo original).

Se Marx rechaçou impiedosa e definitivamente a influência de Feuerbach, e não a de Epicuro, por que não considerar o peso que este último teve na formação filosófica marxiana, num sentido mesmo de ele constituir um dos dous componentes da dialética concepção materialista da História, no caso, o Materialismo?⁸ Tais considerações são ratificadas por um dos maiores marxistas de todos os tempos:

⁷ “Nos modos de produção da velha Ásia e da Antiguidade em geral, a transformação do produto em mercadoria e a do ser humano em produtor de mercadorias desempenham papel secundário, que vai se tornando importante à medida que as comunidades entram em dissolução. Povos comerciantes, propriamente, só existiram nos interstícios da Antiguidade, como os deuses de Epicuro que habitavam nos intermúndios ou os judeus que vivem nos poros da sociedade polonesa. Aqueles organismos de produção da sociedade antiga são bem mais simples e transparentes que o burguês; mas, ou assentam na imaturidade do homem individual que não se libertou ainda do cordão umbilical que o prende a seus semelhantes na comunidade primitiva, ou se fundamentam nas relações diretas de domínio e escravidão” (MARX, 2008, livro I, v. 1, p. 101).

⁸ “El ser humano no es algo abstracto que reside dentro del individuo particular. En su realidad es el conjunto de las relaciones sociales. Feuerbach que no entra a considerar la Crítica de este ser real, se ve obligado por consiguiente: 1º abstraer del devenir histórico y fijar el sentimiento religioso en sí, y a presuponer un individuo humano – aislado –; 2º Por esto hay que entender que él considera al ser humano únicamente como ‘género’, solamente como universalidad íntima, muda, que sólo une naturalmente a los individuos’. *Esta forma de sobrepasar a Feuerbach, es pues el punto de partida del*

a comienzos de 1839 Marx está trabajando en su tesis de doctorado. El manuscrito de este trabajo sin embargo lo encontramos en una versión redactada dos años más tarde, a principios de 1841. La terminación de la Tesis se logra también esta vez más bien debido a presiones externas. El resultado —cosa de nuevo característica de Marx— sorprende al lector por su genialidad, aun hoy después de más de un siglo; al autor mismo sólo lo satisfizo parcialmente, de modo que no se decidió a publicarlo en esa forma. Del estricto sentido autocrítico de Marx es esto tanto más característico cuanto que por declaraciones muy posteriores (entre otras en algunas cartas a Lasalle) podemos deducir que aún en la época de madurez, él siguió considerando como correctas las líneas básicas de su disertación, el método de acercamiento a los problemas histórico-filosóficos en general empleado en ésta y la presentación de la cosmovisión de Epicuro en particular (LUKÁCS, 1971, p. 29-30, grifo nosso).

Por que se deve obedecer à tradição de muitos dos escoliastas de Marx que olvidaram a Tese de Doutorado deste, como obra juvenil, imatura, desconsiderando o fato de “não se deve envergonhar ‘com os sonhos de sua juventude’” (BENEDIKT, 1993, p. 370)? Estudiosos muitos dos quais, ao desprezarem a importância de Epicuro para o autor d’ *O Capital*, caíram numa formulação político-ideológica que eliminou o indivíduo da História, ensejando, além do Capitalismo (esse Totalitarismo Econômico ou Ditadura de Mercado), novas modalidades do Totalitarismo, o que frontal e vergonhosamente vai de encontro ao caráter libertário do Comunismo, uma vez que os fundadores do Materialismo Dialético jamais se esqueceram de que “o livre desenvolvimento de cada um é condição para o livre desenvolvimento de todos” (MARX; ENGELS, 1990, p. 87).

No que tange a Hegel, escusa frisar a presença dele em todo o pensamento de Marx, ainda que este tenha mais tarde se oposto a ele. E aqui reside o busílis: acerto crítico, a bem da verdade, fez Marx com relação a Feuerbach e aos demais integrantes da Esquerda Hegeliana, que não mais são citados depois d’ *A Ideologia Alemã*, porque, no que tange a Hegel, Marx o superou, o suplantou, o abrogou, o aboliu, mas se sabendo que

Materialismo histórico. Y el Materialismo histórico es necesariamente el arma espiritual de las masas revolucionarias del Proletariado” (MARX apud LUKÁCS, 1972, p. 76-77, grifo nosso).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Em Hegel, portanto, a negação da negação não constitui a confirmação do verdadeiro ser, mesmo através da negação do ser ilusório, mas a confirmação do ser ilusório ou do ser autoalienado na sua negação; ou a negação deste ser ilusório como ser objectivo que existe fora do homem e independentemente dele, e a sua transformação em sujeito. Por consequência, o acto de *abolição* desempenha um papel específico em que a *recusa* e a preservação, a afirmação, se encontram interconexas. Assim, por exemplo, na *Filosofia do Direito* de Hegel, o *direito privado* abrogado iguala a *moral*, a moral suplantada iguala a *família*, a família suplantada iguala a *sociedade civil*, a sociedade civil suplantada iguala o *Estado*, o Estado abrogado iguala a *História Mundial*. Na *realidade*, porém, persistem o direito privado, a moral, a família, a sociedade civil, o Estado etc.; tornaram-se apenas <<momentos>>, modos de existência do homem, que não possuem validade isoladamente, mas se dissolvem e engendram de modo recíproco. São <<momentos>> do desenvolvimento. Na sua existência real, esta natureza *móvel* encontra-se oculta. Só vem à luz e só se revela no pensamento, na filosofia; por conseguinte, a minha verdadeira existência religiosa é a minha existência na *filosofia da religião* [...] Mas, se a filosofia da religião constitui para mim a única e verdadeira existência da religião, só sou genuinamente religioso enquanto *filósofo da religião*, negando assim a religiosidade *real* e o homem *religioso* real. Ao mesmo tempo, porém, *confirmo-os*, em parte no interior da minha própria existência ou da existência alheia, com a qual os confronto – porque esta é apenas a sua expressão *filosófica*; em parte, na sua própria forma original, visto que valem para mim só como alteridade existente fictícia, como alegorias, como formas ocultas sob roupagens sensíveis da sua própria existência, id est, da minha existência *filosófica*. De igual modo, a *qualidade* superada iguala a *quantidade*, a quantidade abrogada iguala a *medida*, a medida abolida iguala o *ser*, o ser suplantado iguala o *fenómeno*, o fenómeno suplantado iguala a *realidade*, a realidade suplantada iguala o *conceito*, o conceito suplantado iguala a *objectividade*, a objectividade suplantada iguala a *ideia absoluta*, a ideia absoluta abrogada iguala a *natureza*, a natureza suplantada iguala o espírito *subjectivo*, o espírito subjectivo suplantado iguala o espírito *ético* objectivo, o espírito ético iguala a *arte*, a arte suplantada iguala a *religião*, a religião suplantada iguala o *saber absoluto*. Por um lado, esta *abolição* é *abolição* de uma entidade do pensamento; assim, a propriedade privada enquanto *pensada* é superada no *pensamento* da moral. E uma vez que o pensamento imagina ser, sem mediação, o outro aspecto de si mesmo, a *realidade sensível*, e considera também a sua acção como acção *real*, *sensível*, assim o acto de abolir no pensamento, que deixa o seu objecto persistir no mundo real, julga tê-lo realmente suplantado. Por um lado, visto que o objecto se tornou para ele um momento do pensamento, considera-se na sua existência real como confirmação do pensamento, da autoconsciência, da abstracção (MARX, 1993, p. 254-255, grifo original).

É nesse sentido que se pode entender que Marx se opôs a Hegel – se opôs, porque em tempo algum o desprezou, ao contrário do que o autor d’*A Miséria da Filosofia* fizera com os membros das Direita e Esquerda hegelianas. Senão, vejamos uma lição constante n’*O Capital*:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento – que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de idéia – é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado. Critiquei a dialética hegeliana, no que ela tem de mistificação, há quase 30 anos, quando estava em plena moda. Ao tempo em que elaborava o primeiro volume de *O Capital*, era costume dos epígonos impertinentes, arrogantes e medíocres que pontificavam nos meios cultos alemães comprazerem-se em trata Hegel tal e qual o bravo Moses Mendelssohn, contemporâneo de Lessing, tratara Spinoza, isto é, como um ‘cão morto’. Confessei-me, então, abertamente discípulo daquele grande pensador, e, no capítulo sobre a teoria do valor, joguei, várias vezes, com seus modos de expressão peculiares. A mistificação por que passa a dialética nas mãos de Hegel não o impediu de ser o primeiro a apresentar suas formas gerais de movimento, de maneira ampla e consciente. Em Hegel, a dialética está de cabeça para baixo. É necessário pô-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância racional dentro do invólucro místico (MARX, 2008, livro I, v. 1, p. 28-29, grifo original).

Assim, pois, imprescindível é o estudo de Epicuro e Hegel para se entender a constituição do Materialismo Dialético (que nada mais é do que a síntese do Materialismo e do Idealismo) e, dessarte, o desenvolvimento da mundividência de Marx, de tal maneira, enfim, que

A Ideologia Alemã marca, portanto, o nascimento do materialismo histórico; sobretudo na primeira parte, dedicada a Feuerbach, que já contém um esboço muito bem acabado do mesmo. A obra é o elo entre o jovem Marx e o Marx maduro, a prova de que o corte epistemológico que alguns – Louis Althusser, por exemplo – alegam existir na obra do filósofo alemão não passa de falácia relativista e revisionista. Dialeticamente, a continuidade entre a obra da primeira fase e a da fase tardia é visível e evidente; o que acontece é uma evolução em direção a um pensamento de orientação mais prática, que busca de modo cada vez mais radical a intervenção na realidade. Mesmo os filósofos estudados por Marx em sua tese de doutorado – terminada aos 24 anos, em 1842⁹ – já são os materialistas Demócrito e Epicuro; e isso num tempo em que Hegel, o patrono da filosofia alemã, afirmava a impossibilidade lógica de uma filosofia materialista, mostrando-se altamente desdenhoso em relação a Epicuro, por exemplo (BACKES *in* MARX; ENGELS, 2007, p. 11-12, grifo original).

Segundo, no que tange ao receio de a teoria impedir (ou mesmo corromper) a militância e a *praxis* revolucionária, mormente por se voltar aos autores com quem Marx sempre tem discutido, quais Hegel e Epicuro, por exemplo, ora nos lembram as palavras de dous dos maiores militantes marxistas de todos os tempos:

⁹ *Sic*, pois, a bem da verdade, a Tese de Doutorado de Marx foi aprovada, *in absentia*, aos 15 de abril de 1841, na Universidade de Jena.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

el materialismo demostró ser la única filosofía consecuente, fiel a todos los principios de las ciencias naturales, hostil a la superstición, a la hipocresía etc. [...] Marx no se detuvo en el materialismo del siglo XVIII, sino que llevó más lejos la filosofía. La enriqueció con adquisiciones de la filosofía clásica alemana, especialmente del sistema de Hegel [...] La principal de estas adquisiciones es *la dialéctica*, es decir, la doctrina del desarrollo de su forma más completa, más profunda y más exenta de unilateralidad, la doctrina de la relatividad del conocimiento humano, que nos da um reflejo de la matéria em constante desarrollo [...] Marx profundizó y desarrolló el materialismo filosófico, lo llevó a su término e hizo extensivo su conocimiento de la naturaleza al conocimiento de *la sociedad humana*. *El materialismo histórico* de Marx es uma conquista formidable del pensamiento científico [...] La filosofía de Marx es el materialismo filosófico acabado, que ha dado uma formidable arma de conocimiento a la humanidad y, sobre todo, a la clase obrera (LENIN, 1984, p. 42 e 45, grifo original).

quiero exponerte algunas ideíllas sobre la cultura de nuestra vanguardia y de nuestro pueblo en general. En este largo período de vacaciones le metí la nariz a la filosofía, cosa que hace tiempo pensaba hacer. Me encontré con la primera dificultad: en Cuba no hay nada publicado, si excluimos los ladrillos soviéticos que tienen el inconveniente de no dejarte pensar [...] La segunda, y no menos importante, fue mi desconocimiento del lenguaje filosófico (he luchado duramente con el maestro Hegel y en el primer *round* me dio dos caídas) (CHE GUEVARA, 2007, p. 31, grifo original)

De maneira que – ao invés do que errônea e ingenuamente pensa a maioria dos militantes, os quais se tornam ávidos materialistas, no intuito de iniciarem a luta contra o Capitalismo, desprezando quaisquer ideais, porque estes últimos estão “contaminados” ou “corrompidos” pelo Idealismo – ao entendimento consciente e percuciente dos escritos de Marx é imprescindível e vital não os dissociar de suas fontes, quais Hegel e Epicuro, *verbi gratia*, haja vista que a teoria sem *praxis* é parálitica e a *praxis* sem teoria é cega. Em outras palavras, a lição do Materialismo Dialético é de que, no que tange à teoria e *praxis*, à ideia e matéria, ao conhecimento e realidade, à consciência e vida, não há dissociá-los um do outro. Nisto reside o segredo do Materialismo Dialético: combater, sobretudo, toda teoria que não visa à *praxis*, toda ideia que não visa à matéria, todo conhecimento que não visa à realidade, toda consciência que não visa à vida, pois inexistente *praxis* em sua plenitude sem teoria, matéria em sua plenitude sem ideia, realidade em sua plenitude sem conhecimento, vida em sua plenitude sem consciência, uma vez que “Não é a consciência quem determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 2007, p. 49). Mas para que Dialética? O Materialismo *per se* já não defende isso? Em tempo algum, visto que o burguês é, antes de tudo, um materialista. Ele só não é (e jamais o será!) um materialista dialético, ou seja, um materialista desapegado à matéria, um

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

atuante crítico do arrivismo da sociedade contemporânea, onde tudo é mensurado pelo dinheiro; onde tudo é alienável, incluindo direitos inalienáveis; onde tudo passa a ter preço e, *ipso facto*, nada passa a ter valor.

Por fim, quanto às noções de liberdade, de emancipação humana e emancipação política, o fenômeno da alienação, dentre outras questões doutrinárias, serão elas tratadas na seção seguinte, mas sempre utilizando obras da juventude de Marx, destacando-se o fato de serem utilizadas tanto a tradução portuguesa quanto a brasileira da *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro*: esta, célebre pelo estudo introdutório de José Américo Motta Pessanha (1932-1993), idealizador e organizador da lendária coleção *Os Pensadores*; aquela, por ser a única edição integral, em nosso idioma, da Tese de Doutorado de Marx, contendo, assim, os sete cadernos preparatórios de Marx para a elaboração de sua tese, de condição fulcral, portanto, ao pleno entendimento de sua primeira grande obra, ainda que juvenil.

02 – DESENVOLVIMENTO

No que tange aos valores sociais albergados pela Ética, “adquirida em resultado do hábito, de onde o seu nome se derivou, por uma pequena modificação” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1103a, 18-19),¹⁰ e visados pela Política, “entre todas as ciências que têm uma aplicação [...] o campo em que a teoria passa por diferir mais da prática” (ESPINOSA, TP1), a liberdade constitui o escopo em torno do qual se ergueram doutrinas e sistemas filosóficos diversos, até mesmo opostos entre si, visto que “Ninguém luta contra a liberdade; no máximo, luta-se contra a liberdade dos outros” (MARX, 2007, p. 46).

E é em razão de a liberdade ser usada como termo-chave pelas mais díspares mundividências, alcançando um uso generalizado, ou até vulgarizado, inclusive, é que há ocorrência de polissemia: uma única palavra passa a ter mais de um conceito. Compare-se, *verbi gratia*, o tipo de liberdade defendido num sistema

¹⁰ Do grego ἦθος [‘morada, estância, residência//estrebria, curral//uso, costumes//maneiras de ser, carácter’ (PEREIRA, 1990, p. 256)], e sua derivação ἠθικός [‘conforme os costumes, moral//relativo aos costumes da oratória, ético’ (PEREIRA, 1990, p. 256)].

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

social organizado com base no poder de consumo do indivíduo sobre bens do mercado com a ideia de liberdade existente numa comunidade eminentemente extrativista e nômade. Ou, ainda, até que ponto a concepção de liberdade pode afastar, ou aproximar, um regime totalitário e socialista de um totalitário e capitalista, ou uma Democracia liberal de uma Democracia socialista, ou uma Ditadura Política de uma Economia de livre-comércio, ou uma Democracia Política de uma Ditadura do Mercado? Em outras palavras, o que, de fato, implica ter liberdade? Liberdade de quê? Liberdade para quê? Liberdade de que maneira?

Assim é que para a compreensão do lugar, da importância e do papel da liberdade na sociedade hodierna, mister faz-se o estudo do pensamento político de quem mais se dedicou a realizar um estudo crítico sobre a sociedade capitalista: Karl Marx. Contra os que inadvertida e desprecatadamente proclamam que o *Corpus Marxianum* de há muito está ultrapassado, cumpre lembrar sempre que “*é impossível abolir a filosofia sem a realizar [...] realizar a filosofia sem a abolir*” (MARX, 1993, p. 85, grifo original), ou seja, para tornar ultrapassados os escritos marxianos impescinde tornar reais suas propostas de reorganização social, não no sentido ingênuo de erradicar os grilhões daninhos do Modo de Produção Capitalista em proveito do jugo asfixiante do Modo de Produção Socialista, mas em prol da constituição efetiva de uma sociedade sem propriedade, nem privada, nem estatal, isto é, de uma sociedade sem classes, de um Modo de Produção Comunista, abolindo a raça humana dos três males da má, para não dizer péssima, distribuição de riqueza: a corrupção, a desigualdade social e a violência. Por ‘abolir’ entenda-se aqui não o sentido de ‘erradicar’ ou ‘desaparecer’ simplesmente, mas o de que “ ‘Não se pode *aufheben* (isto é, elevar, conservar, e, no sentido hegeliano, abolir) a Filosofia sem realizá-la’ ” (ARENDDT, 1997, p. 48, grifo original), tratando-se da própria natureza do processo, do devir, do conservar-elevar-abolir ou suprassumir.¹¹ Dessarte, na verdade e na atualidade, o estudo da obra de Marx mais do que se nos depara: se nos impõe como condição para compreender a sociedade em que ora vivemos. E nesse estudo,

¹¹ “O *suprassumir* apresenta sua dupla significação verdadeira que vimos no negativo: é ao mesmo tempo um *negar* e um *conservar* [...] o ser é um universal, por ter nele a mediação ou o negativo [...] Mas a universalidade simples, igual a si mesma, é de novo distinta e livre dessas determinidades: é o puro relacionar-se-consigo ou o *meio*, onde são todas essas determinidades. *Interpenetram-se* nela, como numa unidade *simples*, mas sem se *tocarem*; porque são indiferentes para si, justamente por meio da participação nessa universalidade” (HEGEL, FdE, § 113, grifo original).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

forçoso ser radical, no sentido de que “Ser radical é agarrar as coisas pela raiz. Mas, para o homem, a raiz é o próprio homem” (MARX, 1993, p. 86), de maneira que

A questão da *relação entre a emancipação política e religião* torna-se para nós o problema da *relação entre emancipação política e emancipação humana* [...] Em que é que consiste a liberdade? [...] *Toda a emancipação constitui uma restituição do mundo humano e das relações humanas ao próprio homem* [...] Mas qual a diferença da história da nossa liberdade em relação à história da liberdade do javali selvagem, se apenas se encontrar nas florestas? (MARX, 1993, p. 42, 56, 63 e 80, grifo original).

Assim, entendendo que a questão da liberdade implica a compreensão do processo de alienação e cômico de que, em toda e qualquer pesquisa, é necessário ser radical, ir às raízes, para o esclarecimento acerca do conceito de liberdade em Marx importa o estudo da Tese de Doutorado do autor d’*A Miséria da Filosofia*, intitulada *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro*, visto que

Já em sua tese de doutorado Marx abordou alguns dos problemas da alienação, embora de uma forma bastante peculiar, analisando a filosofia epicurista como expressão de uma fase histórica, dominada pela ‘privatização da vida’ (*Privatisierung des Lebens*) (MÉSZÁROS, 1981, p. 63, grifo original).¹²

¹² No que tange à importância da ‘privatização da vida’ como princípio de individuação na sociedade, bem como para a compreensão de sua significância no desenvolvimento ulterior da obra marxiana, cumpre não esquecer as considerações do orientador de Doutorado de Mézáros (1930-): “La emancipación política precisamente tiene que aumentar al máximo la oposición entre Estado y Sociedad civil, y dentro del individuo la de ciudadano y burgués, tiene que desatar al mismo tiempo por completo el Egoísmo; tiene pues que crear también las condiciones para que, por una parte el Cristianismo desarrolle al máximo su carácter universal como forma de conciencia religiosa de, la Sociedad, y por otra parte también se reproduzca el espíritu judío, pero solo en forma espiritual; pues a causa del poder del dinero, a causa del dinero como potencia mundial, es que – con o sin judíos – ‘el espíritu práctico judío se há convertido en el espíritu práctico de los pueblos cristianos’, se ha hecho mundo el Dios de los judíos, convirtiéndose en Dios del universo. Cuando se trate de vencer a *ambos*, a este Dios del universo y a su complemento necesario, la religiosidad cristiana, que precisamente por su aburguesamiento se ha vuelto universal, esto no podrá ser sino el resultado de la Emancipación humana (socialista). La Emancipación humana es pues al mismo tiempo la ‘Emancipación de la Sociedad del Judaísmo’, es decir, del poder del dinero [...] Si este artículo dá así una imagen plena y activa de la naturaleza íntimamente contradictoria de la Sociedad civil, insuperable dentro del marco del Capitalismo, sin embargo aún no contiene alusión alguna a las fuerzas que tienen las clases, que son las únicas que pueden llevar a cabo la Emancipación humana” (LUKÁCS, 1972, p. 75-76, grifo original).

Se em períodos de Democracia, como o da Atenas do Século de Péricles, a liberdade é o alicerce da existência plena, compreendida sob suas quatro formas,¹³ que dirá numa época em que a pólis praticamente desaparece, frente às organizações governamentais de natureza belicosa e expansionista, como Macedônia e Roma? E foi nessa ambiência de jugo e opressão que se ensejou a fusão do pensamento grego com as culturas orientais, processo esse chamado por Droysen (1808-1884) de Helenismo. Dentre os sistemas filosóficos surgidos nessa época de declínio político e econômico da Hélade, destaca-se a filosofia epicurista, a qual “*was just as much elaborated as the Stoic, if, indeed, it were not more so*” (HEGEL, LHP, v. II, section II, B, grifo nosso),¹⁴ oferecendo uma luz para a liberdade, em meio às trevas em que jazia a sociedade grega antiga.

Dentre as três partes em que se estruturaram os sistemas filosóficos pós- aristotélicos (Lógica, Física e Ética), por influência do terceiro dos escolarcas da Academia de Atenas (387 a.C. – 529 d.C.), Xenócrates de Calcedônia (396-314 a.C.),

¹³ “A igualdade política baseava-se no direito de livre expressão. A etimologia e a política estão associadas na evolução do idioma grego. Com a luta pela democracia, entraram para a língua mais de duzentas palavras compostas, contendo o termo *isos*, ‘igual’. Delas, duas das mais importantes eram *isotes*, ‘igualdade’ (*sic*), e *isonomia*, que é ‘isonomia’ mesmo, a igualdade de todos perante a lei. Duas outras, igualmente importantes, designavam o direito de se exprimir livremente: *isegoria* e *isologia*. O termo mais antigo, *isegoria*, aparece pela primeira vez em Heródoto. O sinônimo *isologia* só vai aparecer no século III a.C., em Políbio, o historiador do último período de liberdade da Grécia, na Liga Aqueia. Essa liga representa a primeira tentativa bem-sucedida de governo representativo federal; Políbio afirma que ela pôde sobreviver durante um século, à sombra do poder romano, graças ao fato de que a liberdade de expressão – *isologia* – vigorava em sua assembleia federal, como símbolo e garantia de que as cidades-Estados membros tinham plena igualdade política (ao contrário do que ocorrera antes nas ligas organizadas por Atenas e Esparta). Os homens que prepararam a Constituição dos Estados Unidos tomaram a Liga Aqueia como modelo para a união federativa que estavam criando. Heródoto fala em *isegoria* quando discorre sobre o papel heróico desempenhado pelos atenienses nas guerras contra os persas, atribuindo sua bravura à conquista da *isegoria* (a forma jônica do termo), ou seja, o direito de todos se manifestarem igualmente na assembleia [...] A quarta palavra que designa a liberdade de pensamento em grego antigo, *parrhesia*, aparece pela primeira vez em Eurípidés. Segundo um respeitado léxico alemão, trata-se de uma palavra cunhada em Atenas que constituía motivo de orgulho para os atenienses. Tinha dois significados básicos correlatos. Um deles era pessoal: franqueza, sinceridade. O outro era político: liberdade de expressão. O termo espelhava a autoimagem idealizada do ateniense, um homem livre acostumado a dizer o que pensava [...] ‘É sina de escravo não poder dizer o que pensa’ [...] ‘Não devemos irar-nos com homens honestos’ [...] Canta o coro de velhos de Maratona: ‘Quem pode julgar, compreender argumentos/Antes de ouvir as razões de ambas as partes?’ [...] Ouvir as duas partes antes de pronunciar o julgamento era a lição que os atenienses aprendiam através da experiência dos tribunais, uma lição com frequência repetida no teatro. Assim, na Andrômaca de Eurípidés, Orestes fala: ‘Sábio é aquele que ensinou a humanidade a ouvir os argumentos de ambas as partes’. Quando o próprio Orestes vai a julgamento na peça de Eurípidés que leva seu nome, ele se expressa de modo semelhante: ‘Que sejam confrontados os argumentos’, diz ele, ‘para que o júri possa decidir com justiça’. Para os atenienses era esse o padrão de uma sociedade livre e justa.” (STONE, 2005, p. 256, 262, 263, 264, grifo original).

¹⁴ “era tão elaborada quanto a estoica, se, de fato, não fora mais” (Tradução nossa).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

sendo que tal “distinção fez enorme sucesso, e dela serviu-se toda a era helenística, por mais de meio milênio, para fixar os quadros do saber filosófico” (REALE, 2011, v. V, p. 95), a Ética é a que mais evidencia as idiossincrasias de cada um dos sistemas helenísticos, por se tratar duma área depois ou para além da Física e, portanto, duma genuína Metafísica, constituindo-se, dialeticamente, numa filosofia primeira, sendo ainda que, em se tratando do Epicurismo,

the philosophy of mind contains the ethics of Epicurus, which of all his doctrines are the most decried, and therefore the most interesting; they may, however, also be said to constitute the best part of that philosophy (HEGEL, LHP, v. II, section II, B, grifo nosso).¹⁵

Uma vez perdida a autonomia política das *póleis*, agora reduzidas a meras municipalidades sob controle estrangeiro, não mais havia lugar para se propor uma ética como plena realização de uma vida política, onde o estudo desta última implicasse o estudo daquela e vice-versa, não havendo distinção entre uma e outra, como sonhamos e os gregos do Século de Péricles soíam fazer, pois que cidadania pode existir, quando a própria pátria está escravizada?

Após a Batalha de Queroneia (338 a.C.), quando as cidades-Estados gregas caíram sob a hegemonia macedônia, a pólis, antes o espelho exato da ordem cósmica, deixara de sê-lo, ocorrendo a escravidão de gregos pelos povos conquistadores (macedônios e, *a posteriori*, romanos), fazendo com que o indivíduo preterisse uma vida política (não apenas destinada pelo Estado, mas também para o Estado, como forma de expressão maior da coletividade) em prol de uma existência cada vez mais voltada para si mesmo, como única forma de se alcançar uma segurança no mundo.

¹⁵ “a filosofia [epicurista] do espírito contém a ética de Epicuro, que de todas suas doutrinas era a mais execrada e, portanto, a mais interessante; (d)elas deve, porém, também ser dito constituir a melhor parte daquela filosofia” (Tradução nossa).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

O que é que lhe infundia esta imponente segurança? A filosofia da 'autoconsciência'.¹⁶ À sombra deste nome tinham-se agrupado na Antiguidade as escolas filosóficas gregas que brotaram da decadência nacional da Grécia e contribuíram mais do que nenhuma outra para tornar fecunda a religião cristã: os cépticos, os epicuristas e os estoicos. Quanto à profundidade especulativa, não podiam competir com Platão, nem comparar-se com Aristóteles em saber universal; Hegel tinha-os tratado com bastante desdém. O seu fim comum era criar o homem individual, separado por um terrível cataclismo de tudo quanto até então o tinha vinculado e sustentado, independente de tudo o que fosse externo a ele, recolhendo-o na sua vida interior, levando-o a buscar a felicidade na paz do espírito e da alma, asilo inamovível, mesmo que o mundo desabasse (MEHRING, 1976, v. I, p. 32).

Desse modo, é compreensível que o tom de orgulho patriótico, herança da Grécia Clássica, tenha sucumbido a interesses particulares e individualistas, haja vista que, uma vez perdida a ambiência de uma vida livre por meio da política, com o fim da autonomia das *póleis*, buscou-se uma liberdade apesar da política ou fora desta última ou à revelia dela, pois já não mais havia identidade entre o indivíduo e o bem comum, como outrora se buscava, *verbi gratia*, na *Ética a Nicômaco*. Senão, vejamos:

¹⁶ Ou consciência-de-si. Mas, para tanto, mister faz-se ter em mente o que se deve entender por consciência e por consciência-de-si. Senão, vejamos: “a consciência é um correlacionar dos diferentes momentos de seu apreender [...] experiência faz a consciência em seu apreender efetivo [...] A consciência, para a qual existe agora um ser sensível, é somente um *visar*, isto é, saiu totalmente para fora do perceber, e regressou a si mesma. Só que o ser sensível e o ‘visar’ passam, eles mesmos, para o perceber: sou relançado ao ponto inicial, e de novo arrastado no mesmo circuito – o qual se suprassume em cada momento e como todo [...] A consciência, portanto, percorre necessariamente esse círculo, mas ao mesmo tempo não é do mesmo modo que na primeira vez. Ela faz, justamente, sobre o perceber a experiência de que o resultado e o verdadeiro dele é sua dissolução ou a reflexão sobre si mesma, a partir do verdadeiro. Sendo assim, ficou determinado para a consciência como é que seu perceber está constituído, isto é: não consiste em ser um puro apreender simples, mas em ser seu *apreender* ao mesmo tempo *refletido em si a partir do verdadeiro*. Esse retorno da consciência a si mesma, que – por se ter mostrado essencial ao perceber – se *insere* imediatamente no puro apreender, altera o verdadeiro. A consciência reconhece igualmente esse aspecto como o seu, e o toma sobre si; e assim fazendo, manterá puro o objeto verdadeiro [...] A infinitude, ou essa inquietação absoluta do puro mover-se-a-si-mesmo, [faz] que tudo o que é determinado de qualquer modo – por exemplo, como ser – seja antes o contrário dessa determinidade. A infinitude já era, sem dúvida, a alma de tudo o que houve até aqui; mas foi no *interior* que primeiro ela mesma brotou livremente. O fenômeno – ou o jogo de forças – já a apresentava; mas foi só no *explicar* que surgiu, livre, pela primeira vez. Quando a infinitude – *como aquilo que ela é* – finalmente é objeto para a consciência, então a consciência é *consciência-de-si*. O *explicar* do entendimento só efetua inicialmente a descrição do que é a consciência-de-si [...] No *explicar* encontra-se tanta autossatisfação justamente porque a consciência está, por assim dizer, em imediato colóquio consigo mesma: só a si desfruta. Embora, sem dúvida, pareça tratar de outra coisa, de fato está somente ocupada consigo mesma [...] Com a consciência-de-si entramos, pois, na terra pátria da verdade” (HEGEL, FdE, §§ 116, 117, 118, 163 e 167, grifo original).

cumpre-nos tentar determinar, mesmo que apenas em linhas gerais, o que seja esse bem e de que ciências ou faculdades ele é o objeto. E, ao que parece, ele é objeto da ciência mais prestigiosa e que prevalece sobre tudo. Ora, parece que esta ciência é a ciência política, pois é ela que determina quais as ciências que devem ser estudadas numa cidade-Estado, quais a que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior apreço se incluem entre elas, como a estratégia, a economia e a retórica. Visto que a ciência política utiliza as demais ciências e, ainda, legisla sobre o que devemos fazer e sobre o que nos devemos abster, a finalidade dessa ciência deve necessariamente abranger a finalidade das outras, de maneira que essa finalidade severa ser o bem humano. Ainda que esse fim seja o mesmo para o indivíduo e para a cidade-Estado, o fim desta última parece ser algo maior e mais completo, seja a atingir, seja a preservar; e embora seja desejável atingir esse fim para um indivíduo só, é mais nobre e mais divino alcançá-lo para uma nação ou para as cidades-Estados. Sendo esses os fins da nossa investigação, esta pertence, portanto, à ciência política em uma das acepções do termo (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1094a-1094b).

Bem diferente é o tom da ética epicurista, centrada no indivíduo, e não precisamente sobre a sociedade ou o civismo, tendo em vista que escravos nem seres humanos eram considerados, quanto mais cidadãos. Finda a independência política das *póleis* gregas e, conseqüentemente, extinta a cidadania para os helenos, agora reduzidos à condição de súditos, quando não de cativos ou escravos, das estruturas imperiais macedônia e romana, por que se ocupar de problemas que não dizem mais respeito a eles? Assim se explica o enfoque individual e particularista predominante na *Ética*, não apenas do Epicurismo, senão de todos os sistemas filosóficos helenísticos, contextualizados não mais em *póleis*, mas em reinos escravistas governados por regimes despóticos.

Quem menos sente a necessidade do amanhã mais alegremente se prepara para o amanhã [...] Recordemos que o futuro não é nosso nem de todo não nosso, para não termos de esperá-lo como se estivesse para chegar, nem nos desesperarmos como se em absoluto não estivesse para vir. Cura as desgraças com a agradecida memória do bem perdido e com a convicção de que é impossível fazer que não exista aquilo que já aconteceu [...] Entre os animais que não puderam fazer pactos para não provocar nem sofrer danos, não existe justo nem injusto; e o mesmo sucede entre povos que não puderam ou não quiseram concluir pactos para não prejudicar nem ser prejudicados [...] O sábio não participará da vida pública se não sobrevier causa para tal. Vive ignorado. Da segurança, obtida até certo limite pelos homens, deriva, cheia de força e de puríssima facilidade de vida, a segurança da existência tranquila e afastada da turba. Não realizes na tua vida nada que, se for conhecido por teu próximo, te possa acarretar temor. A serenidade espiritual é o fruto máximo da justiça (EPICURO, 1980, p. 18-19).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Todavia, não se pode esquecer que, em meio ao soçobro da Hélade, que teve sua almejada unificação política realizada não pelos helenos, mas em detrimento da liberdade destes últimos, nessa mesma época, porém, é que teve lugar a condensação de toda a herança do pensamento grego nos *Corpora Platonicum et Aristotelicum*, tratando-se, portanto, de “um mundo despedaçado que enfrenta uma filosofia em si mesma total” (MARX, 1972, p. 87), de maneira que, no que tange ao Epicurismo,

O fenômeno da actividade dessa filosofia é portanto igualmente um fenômeno despedaçado e contraditório; a sua universalidade objectiva é plasmada em formas subjectivas da consciência singular nas quais continua a viver [...] a época que se segue a estas catástrofes é uma época de ferro, feliz quando é marcada por combates de titãs e lamentável quando se assemelha aos séculos que, coxeando, se seguem às grandes épocas artísticas, pois estes contentam-se em fazer em cera, em gesso e em cobre o que antes saía do mármore [...] As épocas que sucedem a uma filosofia total e às suas formas de desenvolvimento subjectivas são titânicas, pois a dissenção que constitui a sua unidade é gigantesca [...] E foi deste modo que as filosofias epicurista e estoica constituíram a felicidade da sua época; quando o sol universal se põe, a borboleta nocturna procura a luz da lâmpada do particular (MARX, 1972, p. 87-88).

Não obstante a filosofia de Epicuro constituir um tipo de Hedonismo, ela não o é como o entendiam os sibaritas, cirenaicos e, mormente, os detratores dela, visto que se trata, a bem da verdade, duma espécie de mensuração ou cálculo da dosagem entre sensações agradáveis ou desagradáveis, visando sempre à felicidade, a qual é o escopo de todo o Epicurismo, pois, consoante um ditado da Grécia Antiga, a vida é um dom da Natureza, mas uma vida feliz é um dom da sabedoria. Nisso, a doutrina de Epicuro em muito nos lembra célebres passagens do *Filebo* de Platão (428/7-348/7 a.C.), diálogo complementar ao *Parmênides* e que hierarquiza os bens numa escala descendente até o prazer, em tempo algum excluído pelo autor da *República*.¹⁷ Isso não é de estranhar se não nos esquecermos de que, quando jovem,

¹⁷ Compare-se, *verbi gratia*, o teor existente nos seguintes excertos, “o prazer não é o primeiro dos bens, nem mesmo o segundo, mas que o primeiro é a medida e o que for moderado e oportuno, e o mais a que possamos atribuir qualidades semelhantes concedidas pela natureza [...] o segundo bem é a proporção, o belo, o perfeito, o suficiente e tudo o que faz parte da mesma família [...] E agora, sendo eu bom adivinho, se atribuíres o terceiro lugar à inteligência e à sabedoria, não te afastarás muito da verdade [...] E no quarto lugar, não poremos o que declaramos só pertencer à alma: os conhecimentos, as artes e as chamadas opiniões verdadeiras? Por virem depois da terceira classe, formam a quarta, dado que sejam, realmente, mais afins ao bem do que o prazer [...] A quinta classe abrange os prazeres como definimos como isentos de dor e denominamos prazeres puros da própria alma, acompanhantes dos conhecimentos ou das sensações [...] Logo, de acordo com o julgamento de nosso discurso, só

Epicuro frequentara a Academia de Atenas, assistindo às aulas de Xenócrates (REALE, 2011). Fato é que Epicuro se distanciará do Paleoplatonismo (séc. IV-I a.C.), tanto por fundamentar uma Ética a partir – mas não nos moldes – do Cirenaísmo quanto por conceber uma Física a partir das considerações do Atomismo, uma corrente pré-socrática e materialista, ao invés de seguir as ideias do autor do *Timeu*.

Epicuro elabora sua Ética a partir de um viés materialista, em que não apenas a Física influencia a terceira parte de seu sistema, mas outrossim esta influencia aquela, mediante a noção do acaso, presente no movimento dos átomos, e não o conceito de *clinamen*, desde os pensadores romanos erroneamente associado ao fundador do Epicurismo. Não obstante, é justamente esse aspecto *sui generis* do Atomismo, o *clinamen*, por envolver atividade e autonomia, que chamará a atenção do autor de *O Capital*, pois “o que é a vida senão actividade?” (MARX, 1993, p. 163), e, portanto, mediante tal atividade atômica é que se processam todos os fenômenos, não apenas físicos, senão éticos, principalmente se se considerar que “Foi justamente

tocou o quinto lugar ao poder do prazer [...] E de forma alguma o primeiro, ainda mesmo que todos os bois e os cavalos e todos os animais do mundo o reclamassem para si, por só andarem todos eles empós do prazer. Os que confiam neles, como os adivinhos nos pássaros, ou seja, a maioria dos homens, acham que os prazeres são o que a vida nos oferece de melhor, considerando testemunho de mais valor os instintos animais do que as razões divinas de muita musa filosófica” (PLATÃO, *Filebo*, 66a-c, 67b), com o destes: “Todo desejo incômodo e inquieto se dissolve no amor da verdadeira filosofia [...] Deves servir à filosofia para que possas alcançar a verdadeira liberdade. Assim como realmente a medicina em nada beneficia, se não liberta dos males do corpo, assim também sucede com a filosofia, se não liberta das paixões da alma [...]. Realmente não concordam com a bem-aventurança preocupações, cuidados, iras e benevolências [...] O limite da magnitude dos prazeres é o afastamento de toda a dor. E onde há prazer, enquanto existe, não há dor de corpo ou de espírito, ou de ambos [...] O essencial para a nossa felicidade é a nossa condição íntima; e desta somos nós os amos. Se recusas todas as sensações, não terás mais possibilidade de recorrer a nenhum critério para julgar as que, entre elas, consideras falsas [...]. Chamamos ao prazer princípio e fim da vida feliz. Com efeito, sabemos que é o primeiro bem, o bem inato, e que dele derivamos toda a escolha ou recusa e chegamos a ele valorizando todo bem como critério do efeito que nos produz. Nem a posse das riquezas nem a abundância das coisas nem a obtenção de cargos ou o poder produzem a felicidade e a bem-aventurança; produzem-na a ausência de dores, a moderação nos afetos e a disposição de espírito que se mantenha nos limites impostos pela natureza. A ausência de perturbação e de dor são prazeres estáveis; por seu turno, o gozo e a alegria são prazeres de movimento, pela sua vivacidade. Quando dizemos, então, que o prazer é o fim, não queremos referir-nos aos prazeres dos intemperantes ou aos produzidos pela sensualidade, como creem certos ignorantes, que se encontram em desacordo conosco ou não nos compreendem, mas ao prazer de nos acharmos livres de sofrimentos do corpo e de perturbações da alma [...] E como o prazer é o primeiro e inato bem, é igualmente por este motivo que não escolhemos qualquer prazer; antes, pomos de lado muitos prazeres quando, como resultado deles, sofreremos maiores pesares [...] Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros são naturais e não necessários; outros nem naturais nem necessários, mas nascidos apenas de uma vã opinião [...] Então quem obedece à natureza e não às vãs opiniões a si próprio se basta em todos os casos. Com efeito, para o que é suficiente por natureza, toda a aquisição é riqueza, mas, por comparação com o infinito dos desejos, até a maior riqueza é pobreza [...] A quem não basta pouco, nada basta” (EPICURO, 1980, p. 13-14 e 17-18).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

a forma subjectiva, o suporte espiritual dos sistemas filosóficos, que até agora se esqueceu totalmente em proveito das determinações metafísicas desses sistemas” (MARX, 1972, p. 137).

A originalidade de Epicuro residiu no fato de partir, não de algo “mais nobre e mais divino”, implicando, conseqüentemente, uma necessidade, mas de alicerçar uma mundividência no próprio acaso, ensejando, desse modo, um domínio da liberdade, de tal maneira que “para os epicuristas o acaso é a categoria soberana” (MARX, 1972, p. 79),¹⁸ visto que “Seria uma desgraça viver na necessidade; mas viver na necessidade não é uma necessidade” (SÊNECA *apud* MARX, 1972, p. 151). Em outras palavras, o acaso de Epicuro enseja a possibilidade de mudança, ao contrário duma ideologia ou cosmovisão determinista ou fatalista, oriunda do Idealismo ou, até mesmo, do Materialismo.¹⁹

Porém, hoje se sabe que a tese marxiana foi influenciada pela visão de pensadores como Cícero (106-43 a.C.) e Lucrécio (96-55 a.C.) acerca do *clinamen* no átomo, e não propriamente pela mundividência de Epicuro, o qual em nenhum dos fragmentos que pelo menos nos chegaram menciona o *clinamen*, mas tão-só o acaso.

¹⁸ “o conceito de necessidade de Demócrito deixa de se diferenciar do acaso precisamente onde começam o universal e o divino. Então, é historicamente correcto afirmar que Demócrito faz intervir a necessidade e Epicuro o acaso; e que cada um deles rejeita o ponto de vista oposto com a aspereza que caracteriza a polémica [...] A necessidade aparece na natureza finita, com efeito, como necessidade relativa, como determinismo. A necessidade relativa só pode ser deduzida da possibilidade real, o que significa que o que mediatiza esta necessidade é um encadeamento de condições, de causas, de razões etc. A possibilidade real é a explicação da necessidade relativa [...] O acaso é uma realidade que só tem valor de possibilidade; mas a possibilidade abstracta é precisamente a antítese da possibilidade real. Esta última é limitada rigorosamente, tal como o entendimento; e a primeira é ilimitada, tal como a imaginação. A possibilidade real procura basear a necessidade e a realidade efectiva do seu objecto; a possibilidade abstracta não se ocupa do objecto que é aplicado, mas sim do assunto que explica. O objecto deve ser apenas possível, pensável. O que é possível de acordo com a possibilidade abstracta, não se ocupa do objecto que é explicado mas sim o que pode ser pensado, não se ergue como obstáculo no caminho do sujeito pensante, não constitui para ele uma limitação ou dificuldade. Pouco importa que esta possibilidade também seja real, pois que o motivo de interesse não é o objecto de entendimento enquanto tal” (MARX, 1972, p. 152-154).

¹⁹ “enquanto Demócrito reduz o mundo sensível à aparência subjectiva, Epicuro faz dele um fenómeno objectivo. E Epicuro fá-lo conscientemente, pois afirma partilhar os mesmos princípios, mas não fazer das qualidades sensíveis simples objectos da opinião [...] Demócrito emprega a necessidade como forma de reflexão sobre a realidade efectiva [...] Mas Epicuro escreve: ‘A necessidade, que é aceite por alguns, como senhora absoluta, não existe; pelo contrário, certas coisas são fortuitas e as outras dependem do nosso arbítrio. A necessidade não pode convencer e o acaso é instável; valeria mais seguir o mito dos deuses do que aceitar o *eimarméne* (destino) dos físicos, pois o primeiro deixa-nos a esperança da misericórdia se honrarmos os deuses enquanto o segundo apenas antevê a necessidade inflexível. Mas o que devemos admitir é o acaso e não Deus, contrariamente ao que julga a multidão” (MARX, 1972, p. 146 e 150-151).

Senão, vejamos:

Embora se apoie numa longa tradição (que remonta a Lucrecio e a Cícero), o argumento de que, caindo paralelamente e com a mesma velocidade no vazio imenso, por força de seu próprio peso, os átomos nunca se encontrariam, nem, portanto, poderiam se aglomerar, formando mundos, se não se desviassem espontaneamente da linha reta, é estranho ao pensamento de Epicuro [...] Este desvio ou declinação, mais comumente designado pelo termo latino *clinamen*, cujo referente grego, *parenklisis*, não figura em nenhum dos escritos de Epicuro que até nós chegaram [...] Como tantos outros antes dele [Althusser], inclusive e principalmente o Marx da tese de doutorado, interpreta o epicurismo a partir de Lucrecio (QUARTIM de MORAES, 2007, p. 139, 140, 155).

De maneira que a tese de Marx deveria chamar-se *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e no Epicurismo*. Isso ocorre porque as ideias são propriedade comum do pensar, originando polissemia à medida que são utilizadas durante o refletir, o conhecer, visto que inexiste conhecimento sem processo, processo sem História, História sem devir, devir sem Dialética, Dialética sem conhecimento. Tal consciência é que nos faz entender que Marx enxergou Epicuro não apenas *per se*, mas à luz de outros pensadores, do mesmo modo que Aristóteles (384-322 a.C.) jamais usou o vocábulo 'Ontologia', cujo registro mais antigo data de inícios do século XVII, por Lorhard (Lorhardus) (1561-1609) e Göckel (Goclenius) (1547-1628), se bem que a circulação geral desse termo tenha ocorrido bem depois, mercê dos escritos em latim, principalmente o *Philosophia Prima sive Ontologia* (1730), de Wolff (1679-1754). Igualmente, *verbi gratia*, Baumgarten (1714-1762) e a palavra 'Estética', Lambert (1728-1777) e 'Fenomenologia', Jacobi (1743-1819) e 'Niilismo': conquanto esses filósofos tenham criado tais termos, estes últimos tiveram tamanha quantidade de citações e interpretações que ensejaram as mais diversas visões de mundo, bem como obras imprescindíveis à Filosofia, uma vez que

Aqui se considera um movimento no decurso do qual os átomos se podem encontrar e que é diferente do que é provocado pelo *clinamen*. Por outro lado, este movimento é rigoroso e efectua-se de acordo com o determinismo absoluto; constitui, portanto, a supressão do Si e, deste modo, cada determinação encontra o seu ser-aí no seu ser-outro imediato, no seu ser-suprimido, naquilo que para o átomo é a linha recta. Apenas do *clinamen* pode surgir o movimento autônomo, a relação que possui a sua determinação como determinação do seu Si e que não a tem no outro ser. *É indiferente que Lucrecio tenha extraído este argumento de Epicuro ou que o tenha inventado. O que ficou demonstrado no raciocínio sobre a repulsão (que o átomo, enquanto forma imediata do conceito, só se objetiva na inconceptualidade imediata) vale também para a consciência filosófica, cuja essência é precisamente este estrangimento* (MARX, 1972, p. 18, grifo nosso).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Em outras palavras, ainda que Marx tenha escrito sua tese sobre Epicuro sob influência dos pensadores ecletistas de Roma, inegável é a importância que esse trabalho de juventude desempenhou no autor d'*O Capital*, no intuito de tirá-lo da atmosfera idealista rumo aos ares do Materialismo, visando à concreção da luta pela liberdade e à constituição de um método revolucionário, pois o que Marx deve ao Epicurismo é, sobretudo, o exemplo de estruturação de uma Ética de base materialista [muito antes mesmo de Feuerbach (1804-1872) ou Scheler (1874-1928)], não se limitando a uma óptica fatalista ou determinista, mas antes, direcionando-se para o combate em prol da liberdade: um combate ideológico, inclusive. Senão, vejamos:

O jovem Marx, que aspira, com a realização da tese, à obtenção de um lugar de *dozent* em Bonn, junto a seu amigo Bruno Bauer, dirige-se à filosofia grega armado do instrumental teórico herdado da filosofia clássica alemã e de Hegel, no intuito de investigar a 'forma subjetiva', o 'caráter' – inclua-se também a validade e o alcance – daquele tipo de especulação inaugurada pelos gregos e de cujos frutos, nessa época, ele se alimenta e em cuja sequência se reconhece inserido [...] para o jovem Marx liberal, o universo resultante de átomos cuja variação de peso propicia a declinação, de átomos que são 'livres' para se desviar do determinismo de seu trajeto de queda, seria um universo do tempo e da liberdade: da liberdade porque do tempo. E por que não do tempo da liberdade? (PESSANHA *in* MARX, 1979, p. 5-6 e 9, grifo original).

Isso é compreensível, se não se esquecer dos “traços fundamentais da filosofia real e prática em gradação dinâmica (de um espírito subjetivo – um espírito real – uma constituição) do Hegel jenense e dos fragmentos econômico-políticos de Marx” (BENEDIKT, 1993, p. 370). Ora, tanto a *Fenomenologia do Espírito* quanto a *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro* pertencem à ambiência de Jena, cidade alemã onde ocorreu tanto a fundação duma universidade, em meados do século XVI, quanto uma das mais célebres batalhas napoleônicas, a que ocasionou o esmagamento da Prússia ante as hostes francesas, aos 14 de outubro de 1806, implicando um despertar do Nacionalismo germânico, recrudescido a partir da influência das ideias da Revolução Francesa, mediante a imposição do Código Napoleônico, em solo alemão. Foi nessa ambiência revolucionária, sob o halo do Romantismo, que Jena se constituiu, na primeira metade do século XIX, num dos polos culturais da Alemanha, sendo, nesse contexto, que tanto Hegel quanto Marx produziram suas primeiras grandes obras-primas. Mas, por que destacar isso? Simplesmente em virtude de tanto Hegel quanto Marx se debruçarem, em suas

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

investigações filosóficas, acerca do ser genérico (*Gattungswesen*), expressão essa fulcral para se entender o significado da Lógica Especulativa (Dialética), utilizada tanto pelo autor da *Fenomenologia do Espírito* quanto pelo da *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro*.

Tanto Hegel como Marx puderam eventualmente, em relances de curta duração, furtar-se ao fascínio dessa anfíbolia entre a troca da realidade e sua remodelação. Mas, o que torna tão atraente o entusiasmo de seus primeiros e juvenis ensaios, é o fato de que, justamente quando eles parecem evitar esse fascínio, esta fatalidade, precisamente por sua experiência do mundo, definitivamente e em múltiplas reduzidas e demonstráveis formas de uma autodestruição incipiente, começam a fortalecer seu próprio tornar-a-si, antes que ele fosse publicamente decifrado, questionado e, mais recentemente, petrificado. Há, não obstante, como dissemos, no sóbrio entusiasmo de cada obra juvenil, perspectivas e brechas daquela anfíbolia, as quais de vez em quando, no aporte maduro da colheita, ainda exibem a fisionomia das pretensões outrora mais despreocupadas [...] ambos, no entanto, tinham em comum o pensamento de que, em face de toda sua lógica do refletido naturalismo, na sua obra juvenil se tenha aberto um pensamento sobre uma humanidade universalmente acessível. Esta, que até então nunca e desde então nunca mais foi recuperada, era capaz de três coisas: A primeira era a de saber que a realidade não cede só porque um novo pensamento foi pensado e se firmou como afirmação, mas tão-somente quando este pensamento se expressa sobretudo em realidade, ou seja, em conhecimento da natureza, em práxis social, em expressão artística. A segunda consistia em que a própria especulação, isto é, a concentração da ciência, a meditação de seu método na lógica e arquitetônica, se tornou prática e que essa técnica teve que submeter-se à soberania racional da realidade *social*. Por fim, que a relação dos portadores do substrato da generalidade desses dois pensamentos, reciprocamente, a cessão da realidade e a subordinação da técnica, precisamente como função do ser genérico, também era concebida historicamente, no primado da lógica prática da sociedade. Esta compreensão é concebida por Hegel, inicialmente, em uma síntese social, como em 1803-04, da mesma forma como num olhar sobre o mundo de origem natural [...] Marx tornou a libertar da meditação fenomenológica de Hegel um conceito concreto que se perdera, a saber, a do ser genérico [...] Hegel pôde contribuir para fornecer a base para a descendência da libertação do trabalho do ser genérico em Marx, a partir da forma abstrata de auto-realização do pensamento, na passagem do 'espírito real' para a 'constituição', e isso já no manuscrito jenense de 1805-1806 (BENEDIKT, 1993, p. 371-372 e 373, grifo original).

Tudo isso importa destacar, pois aqui se depara a quem quer que seja o elo de ligação entre o jovem Hegel e o jovem Marx: o pensamento revolucionário, de transformação social. Nesse sentido, a obra do jovem Marx é um resgate da concepção hegeliana de ser genérico, concepção essa, no entanto, pertencente à juventude do autor da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, e que fora relegada mais tarde ao esquecimento pelo próprio Hegel, enquanto nas mãos de Marx, constituiu ela uma das bases para a formulação da dialética concepção materialista da História.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

a desistência do irreversível senso de realidade de um 'ser genérico', no sentido de uma criaturalidade a ser atingida segundo Bacon, requer, ali, em Hegel, a favor da reflexão do imediato ser da natureza como espírito e, aqui, requer, também, nossa atenção em Marx, como social refletível [...] Na passagem de 1805 ao conceito de 1806, Hegel afastou o caráter de gênero da relação de classes, do compromisso da dialética senhor/escravo bem como do âmbito de constituição, para o questionamento de um único povo pela comunidade das nações. A característica do gênero, que antes ainda era reivindicada para toda a filosofia prática, entre o estado natural a ser abandonado e a soberania concretizada da autoconsciência reconhecadora, no caráter ampliado das relações recíprocas das específicas formações de raça, língua e trânsito: essa orientação no gênero recaiu agora sobre a diferença meramente orgânico-sensitiva, na diferença animalesca e na antropologia sexual (BENEDIKT, 1993, p. 370-371 e 379).

Entendendo-se, assim, ser genérico tanto como a essência humana sob a forma do conjunto das relações sociais quanto a alienação dos caracteres humanos no âmbito religioso, estatal, econômico e noutras modalidades de consciência, torna-se compreensível como a Lógica Especulativa (Dialética) reside no fato de ser, ao mesmo tempo, uma Ontologia. Nisso reside o segredo da *Ciência da Lógica* de Hegel: trata-se, simultaneamente, não apenas duma obra de Lógica, no sentido formal- aristotélico, senão outrossim duma Ontologia, visto que pensamento e ser se autoimplicam, recíproca e dinamicamente. Ora, como *agere sequitur esse*, uma Ontologia implica, por sua vez, um caráter e, como tal, um agir, ou seja, o objeto de estudo da Ética, independentemente de se tratar duma Ética Ontológica ou Deontológica. Por isso, em que pesem concepções divergentes, não há como negar: ao estudar o ser genérico, Marx busca estruturar não apenas uma Ontologia, a partir da Lógica hegeliana (Dialética), senão também um modo de agir, uma Ética.

A 'constituição', que daí resulta, deve, portanto, dar conta de si sem o ser genérico individualizante. A relação do ser genérico individualizante e do 'eu prático' foi, por conseguinte, atingida por um golpe mortal. Nós, pelo contrário, na passagem da mediação sobre o pensamento de Marx aceito como válido, quanto à *essência* do gênero para a sua realidade social, no *conceito de gênero*, relacionado com a satisfação das próprias necessidades que podemos atribuir ao homem, devemos reconhecer que, para o resgate de sua intuição originária, incluindo Hegel, não precisamos apelar retroativamente nem para Aristóteles nem para Bacon, mas antes adiantar-nos para a ainda impensada relação estrutural da própria essência genérica [...] O ser genérico não irá sucumbir nem sob a mão invisível da técnica nem ainda na da administração pública ou na do capital do expansivo taylorismo. Aqui devemos nos dar conta da subdivisão, tomada de Hegel, entre despojamento, alienação e coisificação (objetivação), na interligação, proposta pelo próprio Marx, da alienação da sociedade produtiva com a sociedade apropriadora, a qual Marx propõe um contraste à forma da troca exitosa, da superação das carências e de suas perversões também. Evidentemente, o pensamento de Marx ainda pertence aqui àquela fase da concepção hegeliana do ser

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

genérico, uma vez que ainda não tinha desembocado na dialética do reconhecimento, no sentido da passagem de Kojève e Niels, de 1800²⁰ [...] a oscilação de Marx para uma figura, que precisamente soterra científico-tecnicamente a práxis social ou a preenche politicamente de tal forma, que ela sempre pode ser convertida no seu contrário. Mas, a consequência disso se concretiza também no questionamento da concepção jenense da doutrina das potências, transformada no método dialético no sistema da moral, como ela se encontra concisamente diante de nós na filosofia do espírito jenense, de 1805-1806. Sua percepção pela dialética da consciência com sua lógica, que, no fundo, é refletida naturalisticamente, expressa um encurtamento da razão. Sua aceitação, por Marx, é indício de um drama, que se estende por toda a Europa, e do qual ainda não sabemos se vai degenerar numa tragédia ou libertar-nos catarticamente numa comédia (BENEDIKT, 1993, p. 373-374, grifo original).

Mas, independentemente do final do drama, independentemente de se tratar acerca do ser da natureza como espírito ou como social refletível, tudo isso significa que

Em toda sociedade humana, comunidade de indivíduos humanos, existe a categoria da visão de mundo coletiva, mundividência comunitária, ciência em comum, *consciência*, sem a qual é inimaginável qualquer sólida conceituação filosófica, visto que impossível haver

Lucrécio afirma, portanto, e a justo título, que a declinação nega os *fati foedera* (determinações do destino) e, como aplica imediatamente esse facto à consciência, podemos dizer que a declinação constitui no coração do átomo aquele qualquer coisa que pode lutar e resistir (MARX, 1972, p. 170, grifo original).

Sem consciência de classe, pode haver movimentos políticos, protestos, golpes de Estado, mas revolução mesma, de modo algum. Sem consciência de classe inexistente revolução. Não fora isso, então, a Revolução de Avis (1383-1385) seria um fato histórico da mesma magnitude da Revolução Francesa (1789-1815). Portanto, a primeira revolução é a transformação de mentalidade, a constituição de outros valores, de outros anseios, pois “a primeira condição que precisa ter a liberdade é a autoconsciência, e a autoconsciência é impossível sem um autoexame prévio” (MARX, 2007, p. 12). E, sendo assim, mister faz-se buscar o reflexão e o diálogo com

²⁰ Nesse sentido, importa entender “Las principales conquistas de la crítica a Hegel, llevada a cabo en los Manuscritos recientemente aludidos, o sea en primer lugar la inversión materialista de la relación entre sociedad civil y Estado y en segundo lugar, *el reconocimiento de la contradicción interna del Estado político (del Estado burgués)*, forman el punto de partida de estos nuevos trabajos” (LUKÁCS, 1972, p. 63, grifo nosso).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

os demais integrantes da sociedade em que se vive, para conseguir enxergar os males e, principalmente, as soluções.

Mas como foi possível ao autor dos *Manuscritos Económico-filosóficos* partir do Idealismo para o Materialismo, bem como do estudo de uma filosofia individualista, como a de Epicuro, para a fundamentação de um pensamento coletivista? Para tanto, mister faz-se compreender o lugar que a Tese de Doutorado de Marx ocupa dentro do Hegelianismo, qual seja a de anexo complementar à *Fenomenologia do Espírito*, mais exatamente à seção IV [‘A Consciência-de-si’ (§§ 166-230)] desta última,²¹ muito embora se saiba que o autor da *Miséria da Filosofia* não tenha, em tempo algum, explicitado isso. Porém, não se pode desconsiderar a influência avassaladora que Hegel (1770-1831) exerceu sobre Marx,²² sendo coincidência, demasiada coincidência, este último ter se debruçado em seu trabalho de conclusão do Doutorado sobre o único sistema filosófico helenístico que não fora comentado por Hegel em sua primeira obra-prima. Mas como é concebível afirmar que a Tese de Doutorado de Marx pode ser compreendida como um anexo complementar à *Fenomenologia do Espírito*? Para tanto, existem alguns argumentos:

Primeiro, consabido o fato de, entre o sexto e o sétimo cadernos preparatórios para sua Tese de Doutorado, constar a transcrição do ‘Esquema da Filosofia da Natureza de Hegel’ (MARX, 1972, p. 101-110), conforme a *Fenomenologia do Espírito*.

²¹ Conquanto se saiba que a primeira forma em que o Sistema Filosófico Hegeliano tenha sido dado a lume, a *Fenomenologia do Espírito*, esteja organizada em oito seções: Prefácio (§§ 1-72), Introdução (§§ 73-89), A Consciência (§§ 90-165), A Consciência-de-si (§§ 166-230), A Razão (§§ 231-437), O Espírito (§§ 438-671), A Religião (§§ 672-787) e O Saber Absoluto (§§ 788-808). Então, a bem da verdade, A Consciência-de-si seria a seção II da primeira obra-prima de Hegel. Todavia, a tradução brasileira houve por bem dividir A Consciência em três seções...

²² Tanto é verdade que termos como ‘alienação’, ‘trabalho’, dentre inúmeros, Marx buscou em Hegel para elaborar suas próprias obras. Senão, vejamos um excerto digno do autor d’*O Capital*, não obstante ter sido escrito pelo autor da *Ciência da Lógica*: “A forma não se torna um outro que a consciência pelo fato de se ter exteriorizado, pois justamente essa forma é seu puro ser-para-si, que nessa exteriorização vem-a-ser para ela verdade. Assim, precisamente no trabalho, onde parecia ser apenas um *sentido alheio*, a consciência, mediante esse reencontrar-se de si por si mesma, vem-a-ser *sentido próprio*” (HEGEL, FdE, § 196, grifo original). A originalidade Marx consistiu em empreender a fusão do Idealismo Alemão à Economia Política Britânica e ao Socialismo Francês, o que nenhum outro hegeliano de Direita ou de Esquerda lograra enxergar e, tampouco, realizar. Senão, vejamos: “El marxismo es el sucesor natural de lo mejor que la humanidad creó en el siglo XIX: la filosofía alemana, la economía política inglesa y el socialismo francés [...] estas tres fuentes del marxismo, que son, a la vez, sus tres partes integrantes” (LENIN, 1984, p. 42).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Segundo, à época em que Marx elaborou a *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro*, estava ele sob forte influência da leitura da primeira obra-prima de Hegel. Tanto é que, passados três anos da apresentação *in absentia* de sua Tese de Doutorado, na Universidade de Jena, o autor dos *Manuscritos Econômico-filosóficos* ainda escreve:

É necessário começar com a *Fenomenologia* de Hegel, o verdadeiro berço e o lugar secreto da filosofia hegeliana [...] A Fenomenologia é deste modo a crítica oculta, ainda pouco clara e mistificadora; mas, na medida em que apreende a *alienação* do homem – embora o homem apareça apenas na forma de espírito – nela se contém veladamente *todos* os elementos da crítica e se encontram amiúde já *preparados e elaborados* de uma maneira que vai muito além do ponto de vista de Hegel. A ‘consciência infeliz’, a ‘consciência honesta’, a luta da ‘consciência nobre e da consciência vil’, etc., etc., essas secções individuais contêm os elementos *críticos* – se bem que em forma alienada – de esferas globais como a religião, o Estado, a vida civil, etc. [...] O grande mérito da *Fenomenologia* de Hegel e do seu resultado final – a dialéctica da negatividade enquanto princípio motor e criador – reside, em primeiro lugar, no facto de Hegel conceber a autocriação do homem como processo, a objectivação como perda do objecto, como alienação e como abolição [*aufheben*] da alienação; e no facto de ainda apreender a natureza do *trabalho* e conceber o homem objectivo (verdadeiro, porque homem real), como resultado do seu *próprio trabalho* (MARX, 1993, p. 241, 244 e 245, grifo original).

Terceiro, já na Tese de Doutorado, existe o propósito de conservar-elevar-abolir a Hegel, de ir além dele, complementá-lo, defendido por Marx. Senão, vejamos:

julgo ter resolvido um problema, até aqui insolúvel, da história da filosofia grega [...] Deverá considerar-se este trabalho como um esboço de uma obra mais importante onde exporei detalhadamente o ciclo das filosofias epicurista, estoica e céptica, nas suas relações com o conjunto da especulação grega [...] É verdade que Hegel determinou no seu conjunto, e com exactidão, o elemento geral destes sistemas; mas a admirável grandeza e audácia da sua história da filosofia, que marca o nascimento propriamente dito dessa mesma história, impedia-o de entrar em detalhes. Por outro lado, a sua concepção do que chamava especulativo *par excellence* não permitia que este gigantesco pensador reconhecesse nesses sistemas a enorme importância que têm para a história da filosofia grega e para o espírito grego em geral. Tais sistemas são a chave da verdadeira história da filosofia grega [...] A filosofia não se esconde; faz sua a profissão de fé de Prometeu: ‘Numa palavra, odeio todos os deuses’ (*Prometeu Agrilhado*) [Ésquilo 975]; esta profissão de fé é a divisa que opõe a todos os deuses do céu e da terra que não reconheçam como divindade suprema a consciência de si que é própria dos homens. Esta consciência de si não tem qualquer rival [...] Que um filósofo cometa uma inconsequência por comodismo, é compreensível; até pode ter consciência disso. Mas aquilo de que pode não ter consciência é que a possibilidade de uma tal adaptação aparente tem a sua origem mais profunda numa insuficiência ou numa compreensão insuficiente do princípio de que parte. Se tal acontecer a um filósofo, os seus discípulos devem explicar a partir da *consciência íntima e essencial desse filósofo* o que *nele* apresentava a forma de uma consciência exotérica. Desse modo, o que

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

constitui um progresso da consciência é simultaneamente um progresso da ciência. Não se suspeita da consciência particular do filósofo; descobre-se a forma essencial dessa consciência, atribui-se-lhe uma caracterização e um significado determinados e, desse modo, ela é ultrapassada [*aufheben*]. Aliás, considero esta viragem para a não-filosofia manifestada por uma grande parte da escola hegeliana como um fenómeno que acompanhará sempre a passagem da disciplina para a liberdade (MARX, 1972, p. 123, 124, 125 e 158-159, grifo original).

Quarto, a *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro* pode ser compreendida como um anexo complementar à *Fenomenologia do Espírito* em virtude do fato de ser “unmöglich, das Werk von Karl Marx zu verstehen, ohne sein Verhältnis zu Hegel zu bestimmen” (HENRICH, 1971, p. 187).²³ Trata-se de um ponto de não somenos importância, por ser uma questão ínsita às ideias marxianas e, desse modo, fundamental ao esclarecimento não só da mundividência do autor d’*O Capital*, senão da própria constituição e desenvolvimento de seus escritos, trazendo implicações diversas às mais díspares correntes de intérpretes do *Corpus Marxianum*, visto que muitos ainda são refratários a aceitar qualquer influência do Hegelianismo sobre o Marxismo, não admitindo, sob hipótese alguma, enxergar clarivamente neste último um desdobramento daquele, em que pesem em contrário as provas mais simples, preferindo, assim, isolar-se num ato de verdadeira idolatria em torno ou de Hegel ou de Marx, mas, assim, deturpando a ambos, não apenas os abstraindo do contexto em que gestaram suas produções intelectuais, mas traindo-os mesmo, no que tange ao entendimento mínimo das interconexões existentes no percurso de uma doutrina filosófica e da transmissão do conhecimento ao longo do tempo.

²³ “impossível compreender a obra de Karl Marx sem determinar a sua relação com a de Hegel” (Tradução nossa).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Assim, consabido o fato de Hegel fazer considerações da liberdade da consciência-de-si a partir do Estoicismo,²⁴ do Cepticismo²⁵ e da Consciência Infeliz.²⁶ Mas, e quanto à filosofia de Epicuro? Por que ele a ela não se refere na *Fenomenologia do Espírito*? Diversas são as explicações para tal fato: há os que defendem que Hegel não mencionou o Epicurismo em virtude de o não considerar uma doutrina séria e muito menos adequada a ocupar um lugar na sua primeira obra-prima; existem ainda aqueles que compreendem ser o Materialismo de Epicuro incompatível com qualquer escrito hegeliano; outros, porém, entendem – com base na seção II, B, do segundo volume das *Preleções à História da Filosofia* – que Hegel não faz qualquer menção ao Epicurismo na parte da *Fenomenologia do Espírito* que

²⁴ “chama-se *estoicismo* essa liberdade da consciência-de-si, quando surgiu em sua manifestação consciente na história do espírito. Seu princípio é que a consciência é essência pensante e que uma coisa só tem essencialidade, ou só é verdadeira e boa para ela, na medida em que a consciência aí se comporta como essência pensante [...] Essa consciência [estoica] é por isso negativa no que diz respeito à relação de dominação e escravidão. Seu agir não é o do senhor que tem sua verdade no escravo, nem o do escravo que tem sua verdade na vontade do senhor e em seu servir; mas seu agir é livre, no trono como nas cadeias e em toda [forma de] dependência de seu ser aí singular. [Seu agir] é conservar-se na impassibilidade que continuamente se *retira* do movimento do ser-aí, do atuar como do padecer, para a *essencialidade simples do pensamento*. A obstinação é a liberdade que se apega a uma singularidade e se mantém *dentro* do âmbito da servidão; o estoicismo porém e a liberdade que imediatamente saindo sempre da servidão retorna à *pura universalidade* do pensamento. Como forma universal do espírito do mundo, [o estoicismo] só podia surgir num tempo de medo e de escravidão universais, mas também de cultura universal, que tinha elevado o formar até o nível do pensar” (HEGEL, FdE, §§ 198 e 199, grifo original).

²⁵ “O *cepticismo* é a realização do que o estoicismo era somente o conceito; – e a experiência efetiva do que é a liberdade do pensamento: liberdade que *em-si* é o negativo, e que assim deve apresentar-se [...] Fica patente que, como o estoicismo corresponde ao *conceito* da consciência *independente*, manifestada como relação de dominação e escravidão, assim o cepticismo corresponde à *realização* da mesma consciência como atitude negativa para com o ser-Outro, [isto é], ao desejo e ao trabalho. Mas, se o desejo e o trabalho não puderam levar a cabo a negação para a consciência-de-si, ao contrário, essa atitude polêmica para com a múltipla independência das coisas terá êxito: já que se volta contra elas como consciência-de-si livre, previamente implementada em si mesma” (HEGEL, FdE, § 202, grifo original).

²⁶ “No estoicismo, a consciência-de-si é a simples liberdade de si mesmo. No cepticismo, essa liberdade se realiza, aniquila o outro lado do ser-aí determinado; aliás, melhor dito, se duplica, e agora é para si mesma algo duplo. Desse modo, a duplicação que antes se repartia entre dois singulares – o senhor e o escravo – retorna à unidade; e assim está presente a duplicação da consciência-de-si em si mesma, que é essencial no conceito do espírito. Mas não está ainda presente a sua unidade, e a *consciência infeliz* é a *consciência-de-si* como essência duplicada e somente contraditória [...] neste sacrifício efetivamente consumado, a consciência, como supassumiu o *agir* enquanto seu, assim também *em-si* desprende dela sua *infelicidade* [...] A renúncia de sua vontade, como singular, não é para ela segundo o conceito, o positivo da vontade universal. Igualmente sua renúncia à posse e ao gozo tem somente o mesmo significado negativo; e o universal, que para ela vem-a-ser nesse processo, não é para ela seu *próprio agir* [...] Igualmente seu agir miserável é em si o avesso, isto é, o agir absoluto: segundo o conceito, o agir, só como agir do singular, é agir em geral. Mas, *para ela* mesma, o agir, e seu agir efetivo, continua sendo um agir miserável; seu gozo, dor; e o ser supassumido dessa dor, no sentido positivo, *um além*” (HEGEL, FdE, §§ 206 e 230, grifo original).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

ele dedicou ao estudo da liberdade da consciência-de-si, por considerar a filosofia epicureia não propriamente um exemplo para se enquadrar dentro das elucubrações em torno da liberdade da consciência-de-si, ombreando-se com o Estoicismo e o Cepticismo, sintetizados na Consciência Infeliz, por justamente o Epicurismo haver ultrapassado a todos esses em realização teórica e prática, haja vista que

Epicurus elevated the principle that happiness should be our chief end into the region of thought, by seeking pleasure in a universal which is determined through thought. And though, in so doing, he may have given a higher scientific form to the doctrines of the Cyrenaics, it is yet self-evident that if existence for sensation is to be regarded as the truth, the necessity for the Notion is altogether abrogated, and in the absence of speculative interest things cease to form a united whole, all things being in point of fact lowered to the point of view of the ordinary human understanding. Notwithstanding this proviso, before we take this philosophy into consideration, we must carefully divest ourselves of all the ideas commonly prevalent regarding Epicureanism. With regard to the Epicurean philosophy, it is by no means to be looked on as setting forth a system of Notions, but, on the contrary, as a system of ordinary conceptions or even of sensuous existence, which, looked at from the ordinary point of view as perceived by the senses, Epicurus has made the very foundation and standard of truth (HEGEL, LHP, v. II, section II, B).²⁷

Dessarte, torna-se perfeitamente compreensível de que modo a *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro* de Marx pode ser concebida como que uma ‘subseção C – A Consciência Feliz’ à *Fenomenologia do Espírito*, pois o autor desta última explicitara em ‘A Consciência-de-si’, primeiramente, os momentos em que se completa o conceito da consciência-de-si (§§ 166-177) – desde quando “a consciência-de-si é desejo, em geral” (HEGEL, FdE, § 167) até a hora em que “A consciência-de-si só alcança sua satisfação em uma outra consciência-de-si” (HEGEL, FdE, § 175, grifo original), passando pela consciência-de-si como manifestação da vida e certeza de si mesma, verdadeira certeza, visto que “A satisfação do desejo é a reflexão da consciência-de-si sobre si mesma, ou a certeza

²⁷“Epicuro elevou o princípio de que a felicidade deve ser nosso objetivo principal para a região do pensamento, pela busca do prazer num universal que é determinado através do pensamento. E, embora ao fazê-lo, ele possa ter dado uma forma científica mais elevada às doutrinas dos cirenaicos, é ainda evidente que se a existência de sensação deve ser considerada como a verdade, a necessidade para o conceito é totalmente revogada, e na ausência de coisas cessa o interesse especulativo para formar um todo unido, sendo todas as coisas de facto rebaixadas ao ponto de vista da compreensão humana normal. Apesar dessa ressalva, antes de tomarmos esta filosofia em consideração, devemos cuidadosamente despojar-nos de todas as ideias comumente prevalentes sobre o epicurismo. No que diz respeito à filosofia epicurista, de nenhuma maneira [pode ela] ser vista como estabelecendo um sistema de noções [simplórias], mas, pelo contrário, como um sistema de concepções comuns ou mesmo da existência sensual, que, a partir do ponto de vista ordinário, como percebido pelos sentidos, fez Epicuro a própria fundação e padrão de verdade.” (Tradução nossa).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

que veio-a-ser verdade” (HEGEL, FdE, § 176, b) – para, depois, passar às exemplificações históricas sob as quais a consciência-de-si tomou ao logo dos tempos: na subseção A (§§ 178-196), a ‘Independência e Dependência da Consciência-de-si: Dominação e Escravidão’, Hegel apresenta, não a partir da sociedade, senão do próprio pensamento, tanto o itinerário da deformação da consciência-de-si ou alienação e da formação da consciência-de-si – coletiva, inclusive, ou consciência de classe, ensejando rebeliões escravas, como a de Espártaco (73-71 a.C.) – quanto a ambiência mental que predispôs o surgimento das filosofias helenísticas, marcadas indelével e predominantemente pelo medo recíproco entre escravos e senhores;²⁸ na subseção B (§§ 197-230), com os exemplos em que a ideia de liberdade tomou no período compreendido entre a Queda da Grécia perante

²⁸ Visto que “o que o escravo faz é justamente o agir do senhor, para o qual somente é o ser-para-si, a essência; ele é a pura potência negativa para a qual a coisa é nada, e é também o puro agir essencial nessa relação. O agir do escravo não é um agir puro, mas um agir inessencial [...] para a consciência escrava o senhor é a essência [...] Essa consciência sentiu a angústia, não por isto ou aquilo, não por este ou aquele instante, mas sim através de sua essência toda, pois sentiu o medo da morte, do senhor absoluto. Aí se dissolveu interiormente; em si mesma tremeu em sua totalidade; e tudo que havia de fixo, nela vacilou [...] No entanto, o formar não tem só este significado positivo, segundo o qual a consciência escrava se torna para si *essente* como puro *ser-para-si*. Tem também um significado negativo frente a seu primeiro momento, o medo. Com efeito: no formar da coisa, torna-se objeto para o escravo sua própria negatividade, seu ser-para-si, somente porque ele suprassume a *forma* essente oposta. Mas esse *negativo* objetivo é justamente a essência alheia ante a qual ele tinha tremido. Agora, porém, o escravo destrói esse negativo alheio, e se põe, como tal negativo, no elemento do permanecer: e assim se torna, *para si mesmo*, um *para-si-essente*. No senhor, o ser-para-si é para o escravo *um Outro*, ou seja, é somente *para ele*. No medo, o ser-para-si está *nele mesmo*. No formar, o ser-para-si se torna para ele como *o seu próprio*, e assim, chega à consciência de ser ele mesmo em si e para si [...] Para que haja tal reflexão são necessários os dois momentos; o momento do medo e do serviço em geral, e também o momento do formar; e ambos ao mesmo tempo de uma maneira universal. Sem a disciplina do serviço e da obediência, o medo fica no formal, e não se estende sobre toda a efetividade consciente do ser-aí. Sem o formar, permanece o medo como interior e mudo, e a consciência não vem-a-ser para ela mesma. Se a consciência se formar sem esse medo absoluto primordial, então será apenas um sentido próprio vazio; pois sua forma ou negatividade não é a negatividade *em si*, e seu formar, portanto, não lhe pode dar a consciência de si como essência. Se não suportou o medo absoluto, mas somente alguma angústia, a essência negativa ficou sendo para ela algo exterior: sua substância não foi integralmente contaminada por ela. Enquanto todos os conteúdos de sua consciência natural não forem abalados, essa consciência pertence ainda, em si, ao ser determinado. O sentido próprio é *obstinação* [eigene Sinn = Eigensinn], uma liberdade que permanece no interior da escravidão. Como nesse caso a pura forma não pode tornar-se essência, assim também essa forma, considerada expansão para além do singular, não pode ser um formar universal, conceito absoluto; mas apenas uma habilidade que domina uma certa coisa, mas não domina a potência universal e a essência objetiva em sua totalidade” (HEGEL, FdE, §§ 191, 194 e 196, grifo original). Assim, “A orientação *real*, activa, do homem para si mesmo enquanto ser genérico ou a afirmação de si próprio como ser genérico real, quer dizer, como ser humano, só é possível na medida em que ele realiza todos os seus *poderes específicos* – o que, por sua vez, só é possível através da acção colectiva dos homens e como resultado da história – e trata estes poderes como objectos. Mas isto só é viável na forma de alienação” (MARX, 1989, p. 245, grifo original).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

a Macedônia (338 a.C.) e a redução da Hélade à condição de província romana (146 a.C.), ou seja, os modos por que a liberdade foi concebida quando o Modo de Produção Escravista grassou pela maioria das sociedades humanas do Velho Mundo: o Estoicismo, o Cepticismo e a Consciência Infeliz, formas essas de renúncia à cidadania das *póleis*, à luta pela independência e, quiçá, à própria luta pela vida – em prol dum além-túmulo, não como uma além-vida, senão como uma nova vida! – as quais prevaleceram na sociedade europeia como um todo, em meio à Conquista da Grécia (338 a. C. e 146 a.C.), à Queda de Roma (476 d.C.) e à Ascensão do Cristianismo (séc. IV-X d.C.), estendendo-se por mais de um milênio, realizando a passagem dos Politeísmos greco-romano e germânico para o Monoteísmo judaico-cristão, tendo em vista que

ao encontrar-se só entre as ruínas de um mundo destruído, este eu esgotado [...] tinha sentido medo de si mesmo e da sua suprema potência e este medo tinha-o levado a alienar e ceder a consciência de si mesmo, erigindo aquilo que era o seu próprio poder universal num poder alheio e superior:²⁹ o do soberano universal de Roma, de que irradiavam todos os direitos e que levava nos seus lábios o selo da vida e da morte – o Senhor dos Evangelhos, cujo hálito bastava para subjugar as rebeldias da natureza ou abater os seus inimigos e que já se anunciava sobre a terra como Senhor e juiz do mundo; nele, a consciência do homem tinha criado um irmão, inimigo é certo, mas nem por isso menos irmão. A humanidade [...] tinha sido educada na escravidão da religião cristã para deste modo preparar mais conscienciosamente o advento da liberdade e abraçá-la com tanta ou maior força quando esse dia chegasse: a própria consciência do Homem, ao recuperar a consciência de si, compreendendo-se e mergulhando nas raízes do seu ser, recobriria um poder infinito sobre todos os frutos da sua renúncia (MEHRING, 1976, v. I, p. 33).

Porém, não se podendo olvidar que

O conceito da ciência surgiu depois que se elevou à sua significação absoluta aquela *forma triádica* que em Kant era ainda carente-de-conceito, morta, e descoberta por instinto. Assim, a verdadeira forma foi igualmente estabelecida no seu verdadeiro conteúdo (HEGEL, FdE, § 50, grifo original),

²⁹ Em virtude do fato de que “o medo do sensível é a única forma sob a qual pode conceber a angústia do espírito livre perante um ser pessoal todo-poderoso, contendo em si a liberdade e, portanto, negando-a fora de si [...] O medo do futuro, este estado de inocência, é aqui interpolado na longínqua consciência de Deus, considerado como um estado que pré-existe nela, mas também como ameaça, ou seja, exactamente como na consciência individual [...] Assim se fala em recorrer ao medo como meio de aperfeiçoamento dos culpados de injustiça [...] no medo, num medo interior e inextinguível, o homem é determinado como animal, para um animal é indiferente a forma como o retém numa prisão [...] nada existe que distinga qualitativamente este grau do anterior; pelo contrário, o que antes surgia sob a forma de medo animal, surge aqui na forma de medo humano, na forma de sentimento. O conteúdo continua a ser o mesmo” (MARX, 1972, p. 51, 52, 56 e 57, grifo nosso).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

e havendo as subseções A e B da seção ‘A Consciência-de-si’ (§§ 166-230) da *Fenomenologia do Espírito*, onde estaria a subseção C, a qual trataria da ‘Consciência Feliz’? E se, além do Cristianismo, existisse uma outra forma de mundividência que possibilitasse a recuperação da consciência-de-si, “compreendendo-se e mergulhando nas raízes do seu ser”, recobrando “um poder infinito sobre todos os frutos”, mas não a partir da renúncia, e sim da temperança das paixões, do equilíbrio dos prazeres, da moderação do gozo nesta existência de agora, e não para um além-túmulo, uma além-vida? Tais são as indagações que com certeza se depararam a Hegel e a Marx, havendo ambos respondido que, dialeticamente, deveria existir uma filosofia que fosse a síntese da independência e dependência entre senhores e escravos e da liberdade estoica, céptica e da consciência-infeliz, mas não para depois da morte (como sói o Cristianismo fazer), e sim nesta vida ainda, visto que “*Beatitudo non virtutis praemium, sed ipsea virtus*” (ESPINOSA, Ét., V, 42 *apud* MARX, 1972, p. 69):³⁰ o Epicurismo.

Fato é que, enquanto o autor da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* relegou o estudo da filosofia epicureia às *Preleções à História da Filosofia*, Marx efetivamente empreendeu em sua Tese de Doutorado a tarefa de resgatar o sistema filosófico de Epicuro e colocá-lo em devido lugar, qual seja a de uma doutrina da Consciência Feliz. Mediante sua pesquisa, Marx deparou o Materialismo da Antiguidade e o contrapôs aos que se diziam seguidores do autor da *Fenomenologia do Espírito*, haja vista que

Mesmo no que diz respeito a Hegel, é uma prova de ignorância da parte de seus discípulos entenderem qualquer determinação do seu sistema como uma adaptação cómoda, numa palavra, *moralmente*. Esquecem que ainda não há muito tempo, como se pode demonstrar de forma evidente a partir das suas próprias obras, eles aderiam com entusiasmo a todas essas determinações unilaterais [...] ao censurarem o seu mestre por alimentar uma intenção escondida, ele para quem a ciência não estava terminada mas sim em seu devir, e que não descansou enquanto não atingiu os limites extremos dessa ciência. Lançam a suspeita sobre si mesmos e fazem crer que anteriormente não tomavam a coisa a sério: é o seu próprio passado que combatem julgando atacar Hegel. Mas esquecem, ao fazê-lo, que ele estava numa relação imediata e substancial com o seu sistema, ao passo que eles se encontram, relativamente a esse sistema, numa posição de reflexão (MARX, 1972, p. 157-158, grifo original).

³⁰ “A beatitudo não é a recompensa da virtude, mas sim a própria virtude” (tradução de MARX, 1972, p. 69).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

03 – À GUIA DE CONCLUSÃO

Em suma, o que se pode compreender depois de todas essas considerações? Simplesmente, que a Tese de Doutorado de Marx pode, sim, ser estudada como um anexo complementar à *Fenomenologia do Espírito* de Hegel,³¹ mas a partir de uma óptica materialista, qual seja a de Epicuro. Mas como pode ser isso concebível? Sim, bastando-se compreender que

o devir-filosófico do mundo é simultaneamente um devir-mundano da filosofia, a sua realização efectiva é ao mesmo tempo a sua perda e o que ela combate no exterior não é mais do que o seu defeito interior. É precisamente no decorrer desta luta que a filosofia acaba por cair nas fraquezas que combatia no seu contrário. Aquilo que se lhe opõe e o que combate não são mais do que ela própria, encontrando-se os factores simplesmente invertidos (MARX, 1972, p. 159-160).

Por outro lado, além de uma visão particular e individualista e outra coletivista, a diferença que aqui existe entre Epicuro e Marx pode ser assim compreendida: enquanto para o primeiro a liberdade se configura num objetivo a ser alcançado, para o autor d’*O Capital*,

A liberdade é a tal ponto a essência do homem que mesmo seus opositores o reconhecem, visto que a combatem; querem apropriar-se da jóia mais cara, que eles não consideram a jóia da natureza humana [...] Por isso todos os tipos de liberdade existiram sempre, às vezes como uma prerrogativa particular, outras como um direito geral [...] O papel da liberdade é o de efetuar exceções com moderação [...] Mesmo se a censura fosse nos fatos a mesma coisa que a justiça, continuaria sendo somente um fato primário, nunca uma necessidade. Mas para a liberdade não interessa somente *que*, mas muito mais *como* eu vivo, não apenas que eu ajo em liberdade, mas também que eu ajo livremente (MARX, 2007, p. 46, 55 e 63, grifo original).

Em outros termos, enquanto que, para Epicuro, a liberdade é um fim, para Marx, trata-se de um meio de luta para a consecução de uma melhor qualidade de vida, não de modo individualista, mas com base em classes. Mas tanto o Epicurismo quanto o Marxismo são de acordo de que a liberdade encontra sua serventia a partir da reflexão, do autocontrole, da Filosofia, independente de haver ou não luta armada. Senão, vejamos:

³¹ “assim como Prometeu, depois de roubar o fogo aos céus, se instala na terra e começa a construir casas, também a filosofia, que adquiriu as dimensões do mundo, se volta para o mundo dos fenômenos. Assim acontece, nos nossos dias, com a filosofia de Hegel” (MARX, 1972, p. 86, grifo nosso).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Em suma, ‘É à filosofia’, diz [Epicuro], ‘que debes servir para que alcances a verdadeira liberdade. Aquele que lhe submete e a ela se entrega já não tem que esperar; é imediatamente emancipado. Pois a liberdade consiste precisamente em servir à filosofia (SÊNECA *apud* MARX, 1972, p. 148, grifo original).³²

Assim, “o que constitui um progresso da consciência é simultaneamente um progresso da ciência” (MARX, 1972, p. 158), de modo que, enquanto

Em Epicuro, não há nenhum bem do homem que esteja fora dele próprio; o seu único bem que depende do mundo é o movimento negativo que consiste em ser livre relativamente a esse mundo (MARX, 1972, p. 49),³³

em Marx, o epicureu conceito negativo de liberdade se positiva, ao “ser livre relativamente a esse mundo” por poder transformá-lo, por poder mudar a realidade em que se vive, por poder lutar por uma organização social mais justa e com oportunidades de progresso iguais para todos, independente de classe social, principalmente, visto que “o indivíduo quer ter consciência da sua própria existência empírica” (MARX, 1972, p. 57), e se a cada um deve ser concedida igual oportunidade de participação das obrigações (deveres e direitos) sociais, toda a coletividade é, assim, dialeticamente, convocada a ser livre, não pelo medo, mas por meio da razão, do esclarecimento, da reflexão, atividade essa onde reside a essência da natureza humana e sua única forma para, naturalmente, humanizar-se.³⁴

³² Isso de tal modo é fato que encontra eco no pensamento do outro grande fundador do Materialismo Dialético: “Assim, pois, quanto mais livre for o juízo de uma pessoa com relação a um determinado problema, tanto mais nítido será o caráter de necessidade determinado pelo conteúdo desse juízo; ao contrário, a falta de segurança que, baseada na ignorância, parece escolher, livremente, entre um mundo de possibilidades distintas e contraditórias, está demonstrando, desse modo, justamente a sua falta de liberdade, está assim demonstrando que se acha dominada pelo objeto que pretende dominar. A liberdade é, pois, o domínio de nós próprios e da natureza exterior, baseado na consciência das necessidades naturais; como tal é, forçosamente, um produto da evolução histórica” (ENGELS, 1990, p. 96, grifo original).

³³ Enquanto a diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro consistir no fato, segundo Marx, de que a Ética de Epicuro haver influenciado sua Física, mediante a ideia do *clinamen* atômico, o que já de longe foi um avanço comparado aos Pré-socráticos, a principal debilidade da filosofia de Epicuro residiu em seu individualismo exacerbado, visto que “Epicuro é assim constrangido a cair nisto sem cessar, pois a sua consciência é uma consciência atomista, tal como o seu princípio. A essência da natureza é igualmente a essência da sua consciência de si efectivamente real [...] Esta consciência essencial do filósofo separa-se do seu próprio saber fenomênico; mas este, nos seus monólogos sobre o seu próprio problema, sobre o pensamento que pensa, é condicionado pelo princípio que constitui a essência da sua consciência” (MARX, 1972, p. 113-114).

³⁴ “Quando consideramos a natureza como sendo racional, termina a nossa dependência relativamente a ela. Deixa de ser um sujeito de medo para a nossa consciência; ora é justamente Epicuro que faz da forma da consciência na sua imediatidade (o ser para si), a forma da natureza. Só quando a natureza é deixada totalmente livre da razão consciente e é considerada no interior de si mesma como razão, é

04 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. Tradução por Mário W. Barbosa de Almeida. Revisão por Mary Amazonas Leite de Barros. Introdução por Celso Lafer. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997 (coleção *Debates*, v. 64).

ARISTÓTELES de ESTAGIRA. *Ética a Nicômaco*. Tradução por Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

BENEDIKT, Michael. Ser Genérico e Espírito: Observações sobre a Socialização no Primeiro Hegel e no Jovem Marx. In: STEIN, Ernildo; BONI, Luís A. de. *Dialética e Liberdade – Festschrift em Homenagem a Carlos Roberto Cirne Lima*. Petrópolis: Vozes/Porto Alegre: EdUFRS, 1993, p. 370-393.

CHE GUEVARA, Ernesto. Carta a Armando Hart Dávalos, fechada em Dar-Es-Salaam, Tanzania, el 4/12/1965. In: *Revista Cubana de Filosofia*, n. 9, May.-Sep., 2007.

ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring: Filosofia, Economia Política e Socialismo*. Sem nome do tradutor. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

EPICURO de SAMOS. *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*. Tradução e apresentação por Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: EdUNESP, 2002.

_____. *et alii. Antologia de Textos*. Estudos introdutórios por E. Joyau e G. Ribbeck. Tradução e notas por Agostinho da Silva *et alii*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (coleção *Os Pensadores*).

ESPINOSA, Baruch de. *Pensamentos Metafísicos, Tratado da Correção do Intelecto, Ética, Tratado Político, Correspondência*. Tradução e notas por Marilena de Souza Chauí *et alii*. 6. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1997 (coleção *Os Pensadores*). [Tratado Político – TP]

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Lectures on the History of Philosophy*. Translated from the German by E. S. Haldane and Francis H. Simson. London: Kegan Paul, Trench, Trübner, 1894, 3 vv. [LHP]

que é totalmente possuída por ela. Qualquer relação com a natureza, enquanto tal, é simultaneamente um ser alienado dessa natureza” (MARX, 1972, p. 115-116).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

_____. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução por Paulo Meneses, Karl-Heinz Efen e José Nogueira Machado. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes/Bragança Paulista-SP: Editora Universitária São Francisco, 2008. [FdE]

HENRICH, Dieter. *Hegel im Kontext*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1971.

LENIN [Vladimir Ilich Ulianov]. Tres Fuentes y Tres Partes Integrantes del Marxismo. In: _____. *Obras Completas*. Moscú-URSS: Progreso, 1984, tomo 23 – Escritos de marzo a septiembre de 1913.

LUKÁCS, György Bernát _____ Szegedi. En Torno al Desarrollo Filosófico del Joven Marx (1840-1844) – I Parte. Traducción de Gerda Westendorp de Núñez. In: *Ideas y Valores – Revista Colombiana de Filosofía*, Bogotá-DC, Editorial Universidad Nacional de Colombia, v. 20, n. 38-39, p. 27-56, 1971.

_____. En Torno al Desarrollo Filosófico del Joven Marx (1840-1844) – II Parte. Traducción de Gerda Westendorp de Núñez y Ramón Pérez Mantilla. In: *Ideas y Valores – Revista Colombiana de Filosofía*, Bogotá-DC, Editorial Universidad Nacional de Colombia, v. 21, n. 40-41, p. 63-101, 1972.

MANDEL, Ernest. *A Formação do Pensamento Econômico de Karl Marx – De 1843 até a Redação d' O Capital*. Tradução por Carlos Henrique de Escobar. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARX, Karl Heinrich. *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro*. 1841. Tese de Doutorado em Filosofia. Universidade de Jena, Alemanha. Tradução por Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Presença, 1972.

_____. *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro*. 1841. Tese de Doutorado em Filosofia. Universidade de Jena, Alemanha. Tradução por Edson Bini *et alii*. Introdução por José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Global, 1979.

_____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Tradução por Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. *Liberdade de Imprensa*. Tradução por Cláudia Schilling e José Fonseca. Porto Alegre: L&PM, 2007.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

_____. *O Capital* – Crítica da Economia Política. Tradução por Reginaldo Sant’Anna. 25. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, livro I – O Processo de Produção do Capital, vv. 1 e 2.

_____. *Grundrisse* – Manuscritos Econômicos de 1857-1858: Esboços da Crítica da Economia Política. Tradução por Mario Duayer e Nélio Schneider, com a colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista* – incluindo os Prefácios às Diversas Edições do Manifesto e, entre outros anexos, Princípios do Comunismo e Para a História da Liga dos Comunistas, de Engels. Tradução por Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. Organização e introdução por Marco Aurélio Nogueira. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1990.

_____. *A Sagrada Família* ou A Crítica da Crítica Crítica contra Bruno Bauer e Consortes. Tradução e notas por Marcelo Backes. Revisão por Maurício Balthazar Leal e Leticia Braun. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. *A Ideologia Alemã* – Crítica da Novíssima Filosofia Alemã em seus Representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do Socialismo Alemão em Seus Diferentes Profetas. Tradução, prefácio e notas por Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MEHRING, Franz Erdmann. *Karl Marx*. Tradução por Rui Manuel Tavares Wahnou e Maria do Carmo Cary. 2. ed. Lisboa: Presença, 1976, 2 vv.

MÉSZÁROS, István. *Marx: A Teoria da Alienação*. Tradução por Waltensir Dutra. Supervisão da edição brasileira por Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 7. ed. Braga, Portugal: Apostolado da Imprensa, 1990.

PLATÃO. *Diálogos*. Tradução por Carlos Alberto Nunes. Estudos propedêuticos por Benedito Nunes e Hildeberto M. Bitar. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 1974, v. VIII – Parmênides-Filebo.

QUARTIM de MORAES, João Carlos Kfourri. O Vazio e o Encontro no Materialismo Antigo. In: _____. (org.). *Materialismo e Evolucionismo*:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Epistemologia e História dos Conceitos. Campinas: UNICAMP (Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência – CLE)/FAPESP, 2007.

REALE, Giovanni. *Filosofias Helenísticas e Epicurismo* (História da Filosofia Grega e Romana, vol. V). Tradução por Marcelo Perine. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

ROSSI, Mario. *La Génesis del Materialismo Histórico*. Traducción de Juan Antonio Mendez. Madrid: Alberto Corazón, 1971, v. 2 – El Joven Marx.

STONE, Isidor Feinstein. *O Julgamento de Sócrates*. Tradução por Paulo Henriques Britto. Apresentação por Sérgio Augusto. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 01 Páginas 01-38
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	